

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CARLOS EDUARDO SILVA SOUTO

**O PROCESSO DE (DES) APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS DA
BANDEIRA E CLEMENTINO PROCÓPIO EM CAMPINA GRANDE –
PB (1942-2010)**

CAMPINA GRANDE

2017

CARLOS EDUARDO SILVA SOUTO

**O PROCESSO DE (DES) APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS DA
BANDEIRA E CLEMENTINO PROCÓPIO EM CAMPINA GRANDE –
PB (1942-2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Dr^a Kainara Lira dos Anjos

CAMPINA GRANDE

2017

(FICHA CATALOGRÁFICA - BIBLIOTECA UFCG)

Ficha catalográfica elaborada pelos bibliotecários da UFCG
(impressão no verso da folha de rosto)

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the lower half of the page. It is intended for the cataloging record, as indicated by the text above it.

CARLOS EDUARDO SILVA SOUTO

O PROCESSO DE (DES) APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS DA BANDEIRA E
CLEMENTINO PROCÓPIO EM CAMPINA GRANDE – PB (1942-2010)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 05 de Abril do ano de 2017

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Kainara Lira dos Anjos - Orientador
Universidade Federal de Campina Grande

Prof Dr Mauro Normando Macêdo Barros Filho - Examinador Interno
Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia - Examinador Externo
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

(Certamente irei me lembrar de alguém depois da impressão deste trabalho, todavia, saberão no dia-a-dia que eu os agradeço pelas contribuições imensuráveis não apenas a essa escrita, mas à vida.)

Agradeço acima de tudo e todos a Deus, pela oportunidade de existir.

A meus familiares, em especial aos meus pais e minha tia Cristiane pelo apoio de uma vida.

A meus colegas e amigos, especialmente Cíntia pelo apoio de sempre e Francicleide, pelos cafés.

Às professoras Keila, Carmén e Zélia, por humanizar minha formação universitária.

A meus colegas do curso, especialmente Ana Luíza e Hortência, pelas parcerias.

A meus professores, especialmente a orientadora deste trabalho, Kainara, pela gentileza e sugestões colocadas de forma suave.

Enfim, agradeço imensamente a todos que contribuíram diretamente e indiretamente para a concretização deste trabalho.

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.”

(Eclesiastes 3:1)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de apropriação e desapropriação das praças da Bandeira e Clementino Procópio, ambas localizadas no Centro da cidade Campina Grande, Paraíba. Nesse sentido, o mesmo está estruturado em três partes. Na primeira, referente ao capítulo 2, é apresentado o referencial teórico e metodológico que subsidiou a análise dos processos de apropriação e desapropriação das praças objeto de estudo: para tal foram definidas as seguintes categorias conceituais: espaços livres públicos, morfologia urbana e processos de apropriação e desapropriação de espaços livres públicos. Na segunda parte, referente ao capítulo 3 é abordado, no primeiro momento, os aspectos históricos e a evolução da forma urbana da Praça da Bandeira e da Praça Clementino Procópio e, no segundo momento, é apresentada a análise da configuração do entorno das praças. Por fim, na terceira parte, referente ao capítulo 4, apresenta e analisa os resultados da aplicação da observação sistemática, tanto dos aspectos físico-espaciais e naturais desses espaços urbanos, quanto dos aspectos comportamentais dos usuários das praças, ou seja, das formas de apropriação de acordo com o perfil dos seus usuários. Portanto, o presente trabalho de conclusão de curso trata-se de um diagnóstico socioespacial, cuja temática permitirá a investigação do processo de apropriação e desapropriação por parte dos moradores de Campina Grande - PB em relação à Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio, motivado por uma diversidade de fatores que serão detalhados no decorrer desta escrita.

Palavras-chave: espaços públicos; praças; apropriação; desapropriação.

ABSTRACT

The present work has the main objective to analyze the process of appropriation and expropriation of the squares: "Praça da Bandeira" e "Clementino Procópio", both located in Campina Grande downtown, on the state of Paraíba. In this sense, the writing is structured in three parts. In the first one, chapter II, the theoretical and methodological references that subsidize the analysis of the appropriation and expropriation processes of the squares: the following conceptual categories were defined: public free spaces, urban morphology, appropriation processes and expropriation of public spaces. In the second part, chapter III, the historical aspects and the evolution of the urban shape of "Praça da Bandeira" and "Praça Clementino Procópio", and on the second part it is present analysis configuration of the squares surroundings. Finally, in the third part, chapter IV presents and analyzes the results of the application of systematic observation, both the physical-spatial and natural aspects of those urban spaces, as well as the behavioral aspects of the users, that is, the ways of appropriation according to the profile of its users. Therefore, the present work is a socio-spatial diagnosis, whose topic will allow the process investigation of appropriation and expropriation by the residents of "Campina Grande" for the squares "Praça da Bandeira" and "Praça Clementino Procópio", motivated by a diversity of factors that will be detailed in the course of this writing.

Keywords: public spaces; squares; appropriation; expropriation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do objeto de estudo.....	12
Figura 2: Tabela explicativa.....	23
Figura 3: Campina Grande em 1907.....	26
Figura 4: Igreja do Rosário (s/d)	27
Figura 5: Campina Grande em 1918.....	28
Figura 6: Campina Grande em 1950.....	28
Figura 7: Campina Grande em 2017.....	28
Figura 8: Campina Grande em 1942.....	30
Figura 9: Praça da Bandeira – no primeiro plano - e Clementino Procópio – segundo plano -, na década de 50.....	31
Figura 10: Polígono Centro Histórico de Campina Grande - PB	32
Figura 11: Praça da Bandeira em 2016	33
Figura 12: Uso e ocupação do solo.....	34
Figura 13: Gabarito	35
Figura 14: Cheios e vazios	36
Figura 15: Sistema viário	36
Figura 16: Topografia	37
Figura 17: Linha do tempo	38
Figura 18: Inauguração da estátua do ex-presidente Juscelino Kubitschek na praça da bandeira (1958).....	39
Figura 19: Vista lateral direita do Cine Capitólio.....	40
Figura 20: Vista da parte vazada da edificação da Praça da Bandeira.....	41
Figura 21: Piso tátil na Praça da Bandeira	43
Figura 22: Praça da Bandeira antes da reforma de 2016.....	43
Figura 23: Praça da Bandeira depois da reforma de 2016.....	44
Figura 24: Falta de bicicletário na Praça da Bandeira reforça a apropriação inventiva dos usuários.....	45
Figura 25: Imagem aérea das praças da Bandeira e Clementino Procópio	45
Figura 26: Fachada lateral esquerda do Cine Capitólio, na Praça Clementino Procópio	46
Figura 27: Tabela demonstrativa.....	47

Figura 28: Praça da Bandeira.....	48
Figura 29: Praça Clementino Procópio.....	48
Figura 30: Horário: 8 h	49
Figura 31: Horário: 12 h	50
Figura 32: Horário: 18 h	51
Figura 33: Horário: 8 h	51
Figura 34: Horário: 12 h	52
Figura 35: Horário: 18 h	53
Figura 36: Horário: 8 h	53
Figura 37: Montagem do comércio dos ambulantes na Praça Clementino Procópio	54
Figura 38: Horário: 12 h	55
Figura 39: Horário: 18 h	55
Figura 40: Horário: 8 h	56
Figura 41: Horário: 12 h	56
Figura 42: Horário: 18 h	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	14
2.1 Conceitos gerais sobre espaços livres públicos	14
2.2 Considerações gerais sobre a morfologia urbana	17
2.3 Considerações gerais sobre o processo de apropriação e desapropriação de espaços livres públicos	19
2.4 Metodologia adotada e suas etapas	21
3. MORFOLOGIA URBANA DAS PRAÇAS DA BANDEIRA E CLEMENTINO PROCÓPIO	25
3.1 Aspectos históricos e evolução urbana da Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio	25
3.2 Análise espacial do entorno da Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio	33
4. PROCESSIONS DE APROPRIAÇÃO E DESAPROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS DA BANDEIRA E CLEMENTINO PROCÓPIO	38
4.1 Os elementos físico-espaciais e naturais da Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio	42
4.2 A análise comportamental e o perfil dos usuários	46
4.1.1 As formas de apropriação na Praça da Bandeira	49
4.1.2 As formas de apropriação na Praça Clementino Procópio	53
4.3 Considerações parciais	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE	67

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Campina Grande, localizada no agreste do estado nordestino da Paraíba, possui uma população de 407.754 habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - no ano de 2016. Sua fundação se deu em 1697 e sua emancipação em 1864. Atualmente, se apresenta como um dos principais polos comerciais, industriais, tecnológicos e educacionais da Região Nordeste do Brasil.

No decorrer da formação histórica da cidade, os seus espaços livres públicos (EPL) foram sofrendo transformações significativas no que diz respeito à apropriação/uso por seus moradores, motivadas muitas vezes por mudanças culturais dos campinenses, conflitos sociais e inserção de novas tecnologias. As mudanças culturais referem-se às transformações nos hábitos da população, propiciada pelo surgimento de condomínios verticais e horizontais, regulamentação das atividades humanas excessivamente por meio do tempo da máquina, uso das redes sociais como um “local” de encontro – função antes desempenhada pelas praças -, construção e exaltação dos locais de consumo, como os *shoppings centers*, os quais foram sendo utilizados como espaços de sociabilidade.

Com o aumento da violência urbana, uso dos espaços por indivíduos marginalizados, as praças passaram a ser vistas como espaços que abrigam corpos perigosos, ou ainda, locais que podem propiciar algum mal à integridade física dos usuários das praças. Esses conflitos sociais também possuem significativa contribuição no processo que aqui se fala.

No caso de Campina Grande, destacam-se as praças da Bandeira e Clementino Procópio, localizadas no Centro da cidade (ver Figura 1) e que possuem uma estreita relação desde sua origem e pela proximidade o que poderia configurar um sistema de ELPs. No entanto, motivada por questões físico-espaciais e comportamentais as praças seguiram em direções opostas em relação à apropriação e desapropriação por parte dos moradores da cidade: inicialmente, percebe-se que enquanto na Praça da Bandeira possui uma maior vitalidade urbana, a Praça Clementino Procópio apresenta um esvaziamento.

Figura 1: localização do objeto de estudo



Fonte: o autor (2017).

A partir da problemática abordada acima, ou seja, se por um lado as praças em estudo possuem vários aspectos que as aproximam, por outro lado, apresentam processos diferentes de apropriação e desapropriação, definiu-se a algumas questões que nortearam a estruturação da presente pesquisa: como se desenvolveram os processos de apropriação das praças da Bandeira e Clementino Procópio ao longo do tempo? Quais os aspectos que contribuem para o distanciamento das mesmas no que se refere a esses processos? Como se dá atualmente a apropriação desses espaços por seus usuários?

Sendo assim, tendo como objeto de estudo os processos de apropriação e desapropriação das praças da Bandeira e Clementino Procópio, localizadas no centro de Campina Grande, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma ocorrem esses processos.

Como objetivos específicos, o presente trabalho se dispõe a:

- Analisar as praças da Bandeira e Clementino Procópio sob o ponto de vista morfológico, urbanístico e paisagístico;
- Investigar a história, morfologia e aspectos gerais de ambas as praças;
- Analisar as formas de apropriação desses espaços livres públicos por seus usuários.

Pelo fato de existirem poucos estudos acerca da temática especificada, a relevância desse trabalho consiste em justamente preencher a lacuna existente a partir do caso dessas praças localizadas na área central de Campina Grande. Além disso, existem poucos espaços livres públicos na cidade, portanto, o trabalho se propõe a investigar se dois desses poucos espaços estão sendo utilizados ou não.

Para atender ao objetivo proposto, o presente trabalho foi estruturado em três partes. Na primeira, referente ao capítulo 2, é apresentado o referencial teórico e metodológico que subsidiou a análise dos processos de apropriação e desapropriação das praças objeto de estudo: para tal foram definidas as seguintes categorias conceituais: espaços livres públicos, morfologia urbana e processos de apropriação e desapropriação de espaços livres públicos.

Na segunda parte, referente ao capítulo 3 é abordado, no primeiro momento, os aspectos históricos e a evolução da forma urbana da Praça da Bandeira e da Praça Clementino Procópio e, no segundo momento, é apresentada a análise da configuração do entorno das praças.

Por fim, na terceira parte, referente ao capítulo 4, apresenta e analisa os resultados da aplicação da observação sistemática, tanto dos aspectos físico-espaciais e naturais desses espaços urbanos, quanto dos aspectos comportamentais dos usuários das praças, ou seja, das formas de apropriação de acordo com o perfil dos seus usuários.

Portanto, o presente trabalho de conclusão de curso trata-se de um diagnóstico socioespacial, cuja temática permitirá a investigação do processo de apropriação e desapropriação por parte dos moradores de Campina Grande - PB em relação à Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio, motivado por uma diversidade de fatores que serão detalhados no decorrer desta escrita.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este capítulo destina-se a apresentar a fundamentação teórica para análise desenvolvida no presente trabalho abrangendo as seguintes categorias conceituais: espaços livres públicos, considerações gerais sobre a morfologia urbana e os processos de apropriação e desapropriação desses espaços. O capítulo também visa esclarecer ao leitor os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da análise proposta.

2.1 Conceitos gerais sobre espaços livres públicos

Partindo do ponto de vista macro, as cidades são compostas por elementos que vão formando a paisagem urbana, tais como o solo, os edifícios, os lotes, os quarteirões, os traçados das ruas, as praças, os monumentos, os mobiliários etc (LAMAS, 2000). Todos esses elementos têm como suporte geográfico o espaço urbano. O espaço urbano por sua vez, é categorizado em espaços construídos e espaços livres, sendo aqueles que não têm qualquer construção em seus limites.

Especificamente os espaços livres na cidade:

(...) podem ser classificados em Privados (ELPr) e Públicos (ELPu). ELPr compreendem as áreas de terrenos particulares (lotes, quadras ou glebas) não ocupadas por edificações cujo acesso é controlado, sendo utilizados por um grupo de moradores/usuários com características e interesses específicos. Tais espaços são utilizados para diversos fins (jardins, lazer, prática de esportes, etc). ELPu permitem o encontro com o outro, é onde se fortalecem as relações coletivas, onde ocorrem as trocas fundamentais e o convívio com a diferença (SILVA & BARROS FILHO, 2014, p.5).

A análise desses espaços é indispensável ao estudo das questões urbanas, pois revelam as práticas e trocas de vivências entre os sujeitos desde a escala da casa, local de relações restritas à organização familiar, até a escala do bairro ou da própria cidade, onde acontece o diálogo do morador com os elementos urbanos descritos anteriormente.

Em relação aos espaços livres públicos, Leitão afirma que “de um modo geral, a definição de espaço público, no urbanismo, é dada aos espaços abertos, de uso comum, apropriados livremente pelo conjunto das pessoas que vivem numa cidade”

(2002, p.18) e que se apresentam como um lugar mais ou menos bem limitado por edificações ou por outros espaços públicos, tendo a finalidade de circulação (ruas e calçadas) ou de permanência (praças, largos, jardins e parques).

Todavia, “na sociologia, o espaço público é fundamentalmente o espaço de encontro com o outro, com o diferente de si” (idem, p. 17), porque possui configurações físicas que permitem o acesso de todas as camadas da sociedade, podendo, inclusive, estimular o contato entre os diferentes, especialmente nos parques e praças, onde a presença e utilização dos espaços pelos indivíduos de diferentes condições sociais são livres. Nas ciências sociais, a definição para os espaços públicos é registrada sob a ótica humanizada e destaca a função social que os ambientes externos às residências conferem ao ambiente urbano.

Nesse sentido, os espaços públicos se apresentam como locais propícios às atividades coletivas, ao contato com indivíduos distintos, e, portanto têm uma importância que na maioria das situações não é percebido pelos habitantes das cidades. Mesmo nos lugares urbanos onde a infraestrutura é precária as funções dos espaços públicos continuam a influenciar os diálogos estabelecidos entre as cidades e os moradores

Os espaços públicos se mostram ainda como espaços de memórias. Lentamente as recordações dos moradores das cidades vão se relacionando a cada fragmento de tempo-espaço: com que estavam e onde estavam (numa praça? Parque? Rua? Casa?...) em determinado acontecimento. O “nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 131).

Por isso que a preservação das memórias é um dos pontos que deve ser considerado em qualquer intervenção cidadina. Os diversos níveis de gestores urbanos devem guiar suas ações de produção e reprodução do território urbano em direção ao reconhecimento dos espaços públicos como espaços de memórias. Fato que exige uma reflexão sobre as possíveis mudanças no território urbano a fim de evitar a destruição de memórias coletivas dos antigos usuários.

Apesar de parecer uma discussão recente, o uso dos espaços públicos para as manifestações de trocas de sociabilidade e socialidade¹ entre os moradores urbanos nunca foi exclusividade das cidades atuais. Na ágora grega, por exemplo, eram discutidas a justiça, a execução de obras públicas, a legislação, a cultura e filosofia, mas igualmente eram espaços de eventos, cerimônias, negociações e comércio de mercadoria.

Outros espaços públicos que sucederam cronologicamente a ágora grega também se destacam pela função indispensável aos habitantes de cada nação: o Fórum Romano, as praças medievais europeias, a *piazza* italiana, a *Place Royale* na França – e porque não citar as próprias vias tomadas pela população na Revolução Francesa -, a *Plaza Mayor* espanhola, a *Square* inglesa, a *Green* americana etc.

No caso do Brasil, desde o período pré-colonial português a concepção dos primeiros assentamentos indígenas já indicava uma existência de um espaço central circular, elíptico ou retangular², circundado pelas habitações dos nativos. Esses espaços possuíam como função as atividades cotidianas de circulação, preparo de alimento, além de abrigar as cerimônias religiosas e outras celebrações coletivas.

Com a conquista do território pelos portugueses e posteriormente com o surgimento dos primeiros núcleos urbanos e seu crescimento, também houve a existência de um espaço central organizado em torno do templo religioso católico, pequenos armazéns e comércios e habitações. Essas foram as primeiras composições urbanas no período colonial. Os espaços centrais vieram a constituir alguns dos mais importantes largos, praças e parques que hoje se conhece.

Trazendo para o contexto geográfico local, a cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, sofreu indiretamente com a influência do processo colonial da construção dos espaços público, pois é um município com emancipação recente. No entanto, seus espaços públicos herdaram as características especificadas anteriormente. Além de que os seus espaços públicos sempre desempenharam as mesmas funções imprescindíveis para as atividades humanas que o resto do país,

¹ De acordo com Maffesoli (1998), enquanto a sociabilidade se caracteriza por relações institucionalizadas, a socialidade faz referência a um conjunto de práticas que escapam ao controle social rígido, a um estar junto que independe de um objetivo a ser atingido.

² Ver WEIMER, G. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

abrigo a feira livre, as revoltas populares, os encontros sociais etc; e vem sofrendo com as mesmas novas dinâmicas sociais/temporais no que se refere a seus usos e significação para os seus usuários.

A praça, por sua vez, sendo um dos espaços livres públicos, também apresenta as mesmas características citadas anteriormente, pois: “[...] o espaço da praça, apesar de assumir papéis distintos e apresentar uma diversidade morfológica, possui em sua gênese, o caráter de espaço coletivo, lugar de manifestação, de culto e de ritos, propício à interação social” (CALDEIRA, 2007, p. 57)

Entretanto, o que difere de um parque ou largo, via ou outro espaço livre público é a sua composição formal, ou seja:

A praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados. A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa. É um elemento morfológico identificável na forma da cidade e utilizável no desenho urbano na concepção arquitectónica (LAMAS, 2000, p. 5).

Deste modo, a praça, dentro do imenso conjunto urbano composto por elementos edificados e espaços livres públicos e privados, possui funções na cidade para além dos parâmetros físicos, como suporte geográfico para as pessoas permanecer, contemplar ou transitar, mas também apresenta um papel social no sentido que pode carregar as memórias coletivas e individuais.

2.2 Considerações gerais sobre a morfologia urbana

Entende-se como morfologia urbana o estudo da aparência que os elementos que compõem as cidades possuem, isto é, as edificações, as ruas, as quadras e os lotes, bem como os parques, as praças e os monumentos, nos seus mais variados arranjos (REGO, 2011), explorando suas origens, evoluções e estado final. Ou de forma simples, a morfologia urbana é o estudo da forma da cidade (ROSSI, 1977).

Lamas (2000) define a morfologia urbana enquanto o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, ou elementos morfológicos, e na sua produção e transformação no tempo. Ocupa-se da divisão do meio urbano em partes

(elementos morfológicos) e da articulação destes entre si e com o conjunto que definem os lugares que constituem o espaço urbano. Nesse sentido, o estudo morfológico deve levar em consideração os níveis ou momentos de produção do espaço urbano.

Contudo, os aspectos da morfologia urbana além de referir-se à forma física-espacial dos assentamentos (proximidade ou distância, de continuidade e contiguidade, de enclausuramento, de obstrução ou permeabilidade, de separação ou agregação), trata-se também de feições subjetivas, destacando as atividades humanas em relação à cidade.

Nesse sentido, as representações dos espaços fornecem as classificações quer por determinadas práticas (categorias “casa”, “escola”, “loja”, ao nível da cidade: as categorias “estar”, “quarto”, “cozinha”, ao nível da casa), quer de determinadas categorias de agentes sociais, como por exemplo, geração ou por sexo.

Importante destacar que as representações podem se sobrepor ambigualmente nos mesmos lugares, pois as pessoas vão definindo os modos de apropriação dos espaços de acordo como desenvolvem suas atividades em determinados período do dia, sendo essas atividades podem ser permanentes ou mutáveis. Além disso, interessante observar que uma diversidade de pessoas utiliza os espaços urbano, uma determinada quantidade, com uma certa frequência etc.

No contexto desse trabalho, a morfologia urbana ofereceu a análise dos processos de apropriação e desapropriação das praças a partir das dimensões físico-espacial e subjetiva (LAMAS, 2000):

- Dimensão físico-espacial: faz referência à leitura urbana das praças da Bandeira e Clementino Procópio e do seu entorno, incluindo a origem, evolução formal e finalmente seu estado atual (uso e ocupação do solo, gabarito das edificações, cheios e vazios, eixos viários e diferenças de níveis do terreno). Essa leitura urbana foi resultado da pesquisa bibliográfica; e

- Dimensão subjetiva: se trata da análise comportamental dos usuários no que se refere aos modos de apropriação do espaço. Essa análise foi fruto da aplicação do método pessoa-ambiente – observação sistemática.

2.3 Considerações gerais sobre o processo de apropriação e desapropriação de espaços livres públicos

Conceitualmente, a apropriação de espaços livres públicos se refere aos usos e aos cotidianos que os moradores de um determinado lugar conferem a esses ambientes urbanos, considerando sempre sua intensidade de frequência e capacidade de sentir-se atraído, usufruir dos mobiliários, adequar os espaços a suas necessidades diárias ou momentâneas etc. Em relação às praças, “a integração entre morfologia, estética e apropriação é que permite a formação das praças, como espaços simbólicos, lugares de memórias, *alma* da cidade” (CALDEIRA, 2007, p. 3).

Então, apropriação seria não apenas o ocupar fisicamente, pois a “[...] apropriação só é considerada adequada se quem o usa considera seu o lugar, mais especificamente, quando o usuário se sente à vontade, confortável e se comunica com o espaço encontrando um espaço repleto de significado” (BENEDET, 2008, p. 45). Portanto, a apropriação física passaria em algum momento pelo ocupar simbolicamente, o que retornaria aos conceitos sobre subjetividade falados anteriormente – sentimento de pertença à coletividade, memórias coletivas e individuais etc.

Ao narrar as idas dos usuários às praças de Campina Grande-PB, Silva (2014) confirma a importância dos aspectos subjetivos no processo de apropriação dos espaços da praça:

É um ritual de afirmação de suas subjetividades, bem como de suas identidades campinenses, porque muitos frequentadores da praça são grandes memorialistas que em suas narrativas constroem as paisagens urbanas pretéritas, em seu lazer do tempo presente (p. 5).

Já a desapropriação de espaços livres público, a começar pelo prefixo de origem latina de negação *des*, sugere não apenas semanticamente o oposto do que foi descrito acima, mas também revela um sentimento contrário e uma ação dos moradores de determinado lugar em relação aos espaços públicos, como por

exemplo, a rejeição, a falta de percepção, a não aceitação ou simplesmente o não uso.

Entretanto, a apropriação/desapropriação poderia ser analisada em uma perspectiva maximizada, a qual consideraria toda a cidade, com seus os espaços urbanos e seus elementos que os compõem. Isso se justificaria por que é necessário destacar que os espaços públicos são participantes de um sistema urbano maior, sendo que a relação de usos-desusos dos espaços livres públicos poderá ser melhor entendida se a ótica do estudo da cidade estiver ligada a ótica do estudo dos seus elementos, pois nenhum fragmento urbano é desconexo entre si.

Nesse sentido, conforme defende Gehl (2013), a dimensão humana no contexto da cidade vem sendo ignorada em diversos períodos da história, em especial depois do urbanismo moderno, em detrimento principalmente do transporte individual e edifícios com dimensões fora da escala humana, afetando as percepções dos moradores por causa do desestímulo aos cinco sentidos, em espacial a visão. Então, os espaços urbanos passam a desconvidar o pedestre a permanecer, circular ou encontrar com outras pessoas.

A partir do modernismo urbano também reforça-se a presença de cidades setorizadas, onde uma parte dessas zonas fica sem usos por diversos períodos do dia. Se o contrário acontecesse, ou seja, o uso de edifícios mistos, haveria a vitalidade por meio dos usos em todos os momentos do dia, diminuindo, inclusive a percepção da violência urbana ao passo que a sensação de segurança aumentaria significativamente.

Acrescentado a isso as cidades apresentam um quadro urbano de valorização do tempo ditado excessivamente pelo relógio, isolamento urbano de moradores em condomínios verticais e horizontais, uso das redes sociais de maneira a representar um local de encontro sem sair da própria habitação, substituição do comércio tradicional pelos *shoppings centers*, que, em sua maioria, apresentam composições formais fechadas desconexas em relação aos espaços urbanos.

No entanto, como esse trabalho tem o objetivo de abordar especificamente os espaços de praças, a discussão tem que ser limitada até esses pontos acima citados

para não se tornar cansativa. Contudo, propõe-se aos possíveis leitores que se aprofundem no tema, pois o mesmo é reverente para entender as dinâmicas urbanas de apropriação e desapropriação dos espaços, não apenas os públicos ou privados, mas todo o conjunto urbano.

2.4 Metodologia adotada e suas etapas

Em relação à metodologia utilizada, é necessário clarificar e expor as etapas processuais do trabalho, que foram: **escolha** do caminho para se obter os dados (observação sistemática e pesquisa bibliográfica); **formulação** do roteiro da observação sistemática; **aplicação *in loco*** da observação sistemática; **sistematização** dos dados coletados e **análise** desses dados.

A **escolha** dos mecanismos metodológicos que propiciou a pesquisa que se segue adotou a busca por caminhos que pudessem fornecer dados objetivos e subjetivos, ou seja, além de revelar dados do contexto histórico e espacial do objeto de estudo, foi necessário extrair sentimentos humanos em relação ao ambiente social em que se inserem.

Deste modo, no primeiro momento, foi utilizada a pesquisa bibliográfica para analisar o desenvolvimento físico-espacial das praças e seu entorno imediato. Conforme sugere Lakatos (2003, p. 183): “a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”, tendo como função pôr o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado tema.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica proporcionou a apreciação do desenho urbano de uma parte da cidade de Campina Grande - PB. Esse processo contemplou a investigação da origem, causas, evolução e situação atual do objeto de estudo e área em sua volta, resultando no segundo capítulo.

No momento posterior, foi utilizado o método pessoa-ambiente, o qual é o caminho utilizado para a “a pesquisa de comportamentos e/ou estados subjetivos das pessoas e as características do ambiente no qual estas agem e com o qual

interagem” (PINHEIRO, 2008, p. 1). Esse processo resultou em parte do terceiro capítulo.

Sua aplicação foi necessária nesse trabalho porque o método pessoa-ambiente possibilitou o estudo de sentimentos e comportamentos sociais em relação ao ambiente urbano da cidade de Campina Grande-PB, especificamente em relação aos espaços públicos livres. Portanto, o método trabalha com elementos subjetivos que não podem ser quantificáveis. Além de que, em se tratando especificamente dos estudos urbanos regionais, o método é justificável por causa de seu caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, assim como esse campo de estudo do urbanismo.

O método pessoa-ambiente é bastante amplo, contemplando “os mapas mentais, os percursos sensoriais e qualitativos, a avaliação da impressão, a simulação, os questionários, a observação, o mapeamento comportamental [...] e os diferenciais semânticos” (PINHEIRO, 2008, p. 6), além da entrevista (idem, p. 8).

Desses, foi utilizada a observação sistemática. Trata-se de uma técnica de pesquisa com caráter visivelmente flexível se comparada às outras técnicas descritas anteriormente. Lakatos (2003) dissertou que a observação sistemática:

Realiza-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos. Todavia, as normas não devem ser padronizadas nem rígidas demais, pois tanto as situações quanto os objetos e objetivos da investigação podem ser muito diferentes. Deve ser planejada com cuidado e sistematizada. Na observação sistemática, o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe (p.193).

Neste trabalho, seu objetivo foi observar as primeiras impressões subjetivas do pesquisador em relação aos espaços urbanos aqui abordados. Para sua realização os instrumentos utilizados foram: lápis, caderno de campo, mapas de ambas as praças e roteiro.

A **formulação** do roteiro da observação sistemática³ se baseou na descrição comportamental e características dos usuários, buscando assim trazer a público

³ Ver apêndice A.

quem utiliza as praças, qual a média da quantidade de pessoas, quais os horários de maior utilização e as principais atividades desempenhadas; descrição dos elementos físico-espaciais, destacando a existência ou não de mobiliários urbano nos espaços das praças, iluminação, estado de conservação, acessibilidade física assim como o grau de limpeza das praças; e descrição dos elementos naturais das praças, identificando se a presença de vegetação é a necessária, o nível de ventilação e iluminação natural.

Posteriormente, houve a **realização** da observação sistemática. Para que isso se concretizasse foi utilizado o “*Gate Method*” (VAUGHAN, 2001), ou o Método do Portão, na tradução literal para o português. Esse procedimento representa a possibilidade de organizar a utilização dos espaços pelas pessoas, que é feita de forma aleatória e espontânea, dentro de uma tabela com dados pré-estabelecidos, conforme a figura 2.

Figura 2 – Quadro explicativo “*Gate Method*”

Gate Number	Time	Moving Men	Moving Women	Moving Teenagers	Moving Children
1	12:05	///	//	/	
2	12:12	/	\		//
3	12:17	/	//		
4	12:22	///	/// /	///	//

Fonte: VAUGHAN (2001).

Nesse sentido, o método recomenda que seja realizado da seguinte maneira:

- Escolher diversos pontos ou “portões” para a observação, dependendo do tamanho do espaço recomenda-se até 25 portões;
- Escolher determinado tempo para cada portão, podendo ser 2,5 a 5 minutos por portal;
- Contar e marcar em uma tabela já impressa com palitinhos a quantidades de cada categoria pré-estabelecida, por exemplo, a quantidade de criança conversando, idosos andando pelo espaço, jovens do sexo feminino em atividades de lazer etc.

Por causa do seu caráter de pré-estabelecer por meio de uma tabela os dados a serem extraídos, os dias da semana e horários para a aplicação, a **sistematização** dos dados coletados foi simplificada. As informações foram apenas separadas por praça e a **análise** dos dados coletados seguiu a ordem sugerida por Lakatos (2003): exposição dos dados por meio de gráficos, depois a interpretação e explicação desses dados.

3. MORFOLOGIA URBANA DAS PRAÇAS DA BANDEIRA E CLEMENTINO PROCÓPIO

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre os aspectos históricos, evolução da forma urbana da Praça da Bandeira e da Praça Clementino Procópio, apresentando os agentes modificadores desses espaços e descrições dos elementos morfológicos que os moldaram. Em seguida o capítulo apresentará algumas características espaciais da situação atual do entorno das praças, resultados das mudanças morfológicas descritas anteriormente.

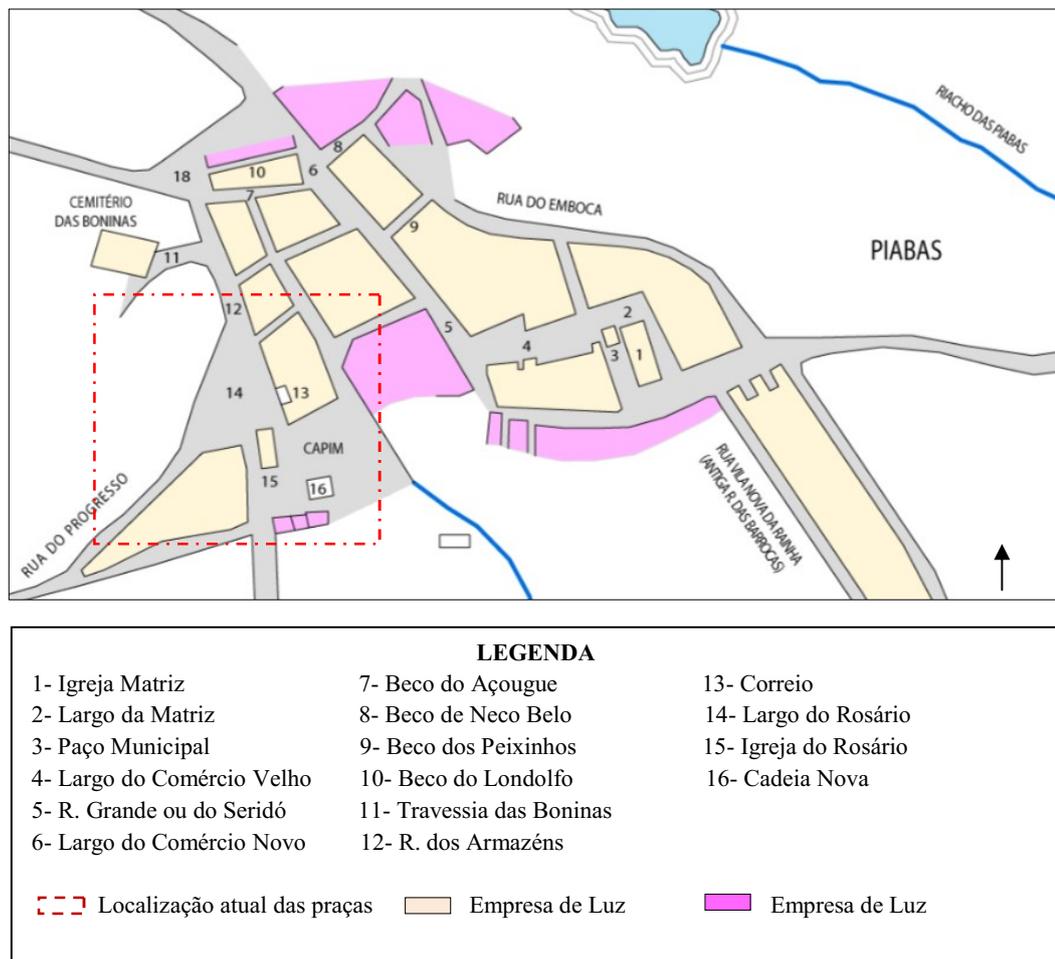
3.1 Aspectos históricos e evolução urbana da Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio

A cidade de Campina Grande tem um núcleo urbano que pode ser considerado recente para os padrões históricos do Brasil, datada em 1697. Sua evolução urbana recente, no entanto, não a fez ter composições urbanas diferentes de outras cidades, pois sua construção foi sendo feita na maior parte do tempo de forma espontânea, e conseqüentemente seus espaços livres públicos foram sendo delineados inicialmente sem um planejamento prévio, surgindo como resultado de vazios urbanos.

Partindo de 1907, quando já havia um aglomerado urbano pequeno iniciado na atual Rua Vila Nova da Rainha, próximo à atual Feira Central, existiam na cidade dois largos entre a remota e demolida Igreja Nossa Senhora do Rosário, especificamente localizados na sua parte sul (correspondente ao atual espaço da Praça Clementino Procópio) e norte (correspondente ao atual espaço da Praça da Bandeira).

Representados na figura 3, o largo (número 14) que se transformaria na Praça da Bandeira já possuía sua forma triangular, ao passo que o largo que evoluiria para a Praça Clementino Procópio (número 15) já apresentava uma forma retangular. Apesar de nenhum desses dois espaços apresentarem seus limites físicos definidos, nota-se que eles já se distinguiam das ruas que as circundavam.

Figura 3 – Campina Grande em 1907



Fonte: QUEIROZ (2008). Editado.

Nesse sentido, ambas as praças surgiram em decorrência da existência de dois largos, surgidos de um alargamento acidental e confluência de traçados viários, conforme sugere Lamas (2000). Ainda que tenham originado de forma natural, sem muita preocupação com seus limites físicos, supõe-se que seus usos pelos moradores da época limitavam fisicamente seus espaços, principalmente quando as celebrações religiosas da Igreja do Rosário ocorriam e seus frequentadores ocupavam seus espaços.

Figura 4 – Igreja do Rosário (s/d)



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br> (2002).

A partir de 1907 em diante, a cidade passou a apresentar um crescimento econômico pujante baseado nas atividades algodoeiras. O crescimento urbano foi inevitável, assim como as transformações nas feições dos espaços públicos e privados e dos traçados das vias, como se pode observar nas Figuras 5, 6 e 7.

No primeiro registro de 1918 (Figura 5), é possível observar as feições urbanas da área central antes da abertura da Avenida Floriano Peixoto, principal via arterial da cidade. No segundo registro de 1950 (Figura 6), apresenta-se o resultado das transformações urbanísticas e arquitetônicas advindas da intervenção realizada para abertura do primeiro trecho da Avenida Floriano Peixoto. Também já é possível observar as praças da Bandeira e Clementino Procópio. Por fim, na terceira imagem (Figura 7), temos o registro a partir do mesmo ângulo das imagens anteriores.

Figura 5 – Campina Grande em 1918



Fonte: MHCG – Museu Histórico de Campina Grande (2008).

Figura 6 – Campina Grande em 1950



Fonte: MHCG – Museu Histórico de Campina Grande (2008).

Figura 7 – Campina Grande em 2017



Fonte: MHCG – Museu Histórico de Campina Grande (2008).

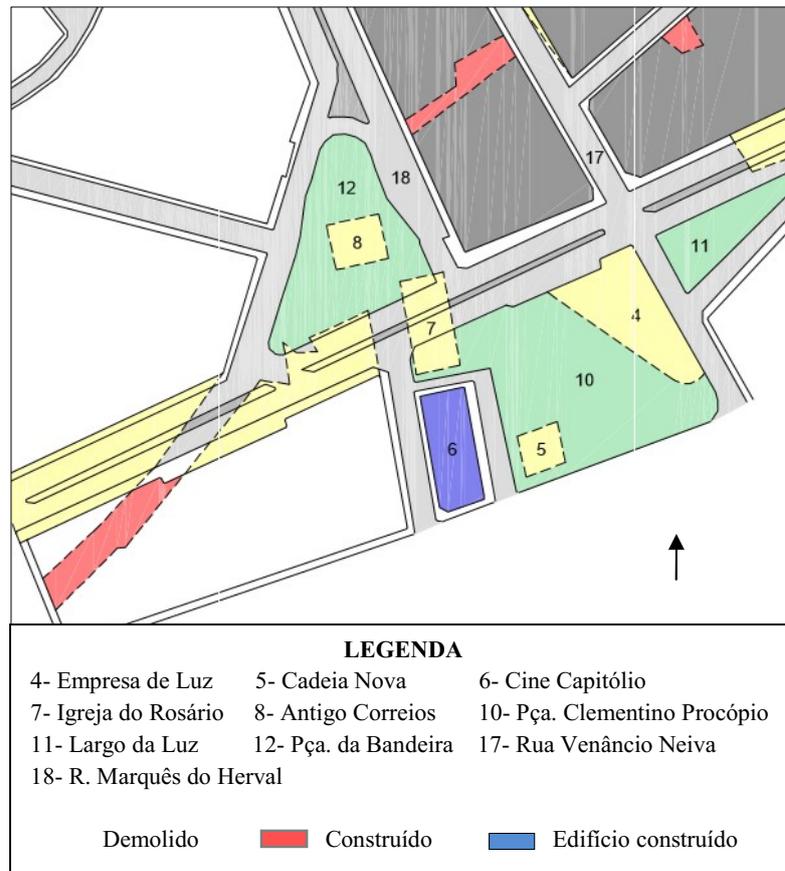
Ao passo que os meios de comunicações, esportivos, religiosos, transportes, modo de pensar e outros elementos da vida moderna iam de encontro ao imaginário campinense, os espaços urbanos começavam a ser ordenados com a instalação de uma infraestrutura melhorada.

O largo que ocupava o atual espaço da Praça Clementino Procópio, por exemplo, passou a ser chamado de Praça da Luz, em decorrência da existência da Empresa de Luz nos limites desse espaço público, a qual fornecia eletricidade para a cidade desde 1920. Além disso, já existiam os limites físicos da praça por causa da implantação de meio-fio e calçamento das ruas adjacentes.

Década posteriores, em 1938, quando a cidade já apresentava considerável grau de desenvolvimento econômico considerado excelente para os padrões da época, o Prefeito Bento Figueiredo iniciou o processo de construção do que seria de fato a Praça da Bandeira. Entretanto, seu nome original foi Praça Índios Carirys, no antigo largo norte da Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Em 1942, Campina Grande passou pela maior reforma urbana de sua história. O então Prefeito Vergniaud Wanderley ordenou o prolongamento da Avenida Floriano Peixoto – além de diversas outras intervenções urbanas na área central da cidade -. Assim, foi demolida a Igreja Nossa Senhora do Rosário entre a Praça da Bandeira e a Praça Clementino Procópio, mas a Empresa de Luz permanece intacta. Os nomes de ambas as praças foram dados nesse momento. As transformações urbanas dessa época podem ser verificadas na figura 8.

Figura 8 – Campina Grande em 1942



Fonte: QUEIROZ (2008). Editado.

Até que, na gestão do prefeito Elpídio de Almeida (1947-1951), a edificação da Empresa de Luz foi demolida, anseio antigo da população local, pois a mesma gerava muita fumaça e outros resíduos, incomodando os seus vizinhos. A demolição da construção possibilitou a ampliação do espaço da Praça Clementino Procópio (QUEIROZ, 2008, p. 98) e implantação de um denso conjunto vegetação (ver figura 9). O seu piso foi totalmente modificado.

Figura 9 – Praça da Bandeira – no primeiro plano - e Clementino Procópio – segundo plano -, na década de 50.



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br> (2016).

Essas transformações na paisagem urbana campinense representam o sentimento de desapego às memórias arquitetônicas que persistem até os dias atuais na cidade. Já em relação à época dos gestores citados anteriormente, Queiroz (2008) disserta que:

Nesse contexto reformista, as praças ficaram subordinadas às redes de circulação. Perderam a antiga condição de largo como ambientes fechados em si, delimitados pelas edificações construções. Ganharam o status de áreas verdes e abertas, viraram lugares para a inserção da natureza no urbano, com o intuito de descongestionar e higienizar a cidade (p. 176).

Nesse sentido, com a consolidação das reformas urbanas, em 1985, o prefeito Ronaldo Cunha Lima promoveu uma reforma na Praça da Bandeira que alterou significativamente seus elementos arquitetônicos: troca total do piso, mudança de todos os bancos, retirada da estátua da Samaritana, aterro do lago em meia-lua, construção de novos canteiros, instalação do pombal, substituição dos postes de iluminação antigos; Ele também fez a reforma na Clementino Procópio, porém a composição formal de ambas as praças já estavam concretizadas.

No dia 04 de Setembro de 2003, por meio da deliberação nº 0025/2003, foi criado o Centro Histórico da cidade de Campina Grande (figura 10), abrangendo ruas, as duas praças que aqui se trata e outros espaços que sofreram as antigas intervenções do ex-prefeito Vergniaud Wanderley. A área citada foi demarcada pelo

Figura 11 – Praça da Bandeira em 2016



Fonte: www.paraibaonline.com.br. Acesso Dezembro de 2016.

Em relação à Praça Clementino Procópio, a última intervenção por parte da gestão pública ocorreu em 1985, o que evidencia a valorização da Praça da Bandeira como espaço público em detrimento da sua praça vizinha. Esse acontecimento pode ser fator determinante para que um espaço público apresente hoje mais visibilidade que o outro, o que pode, inclusive, interferir na forma como os usuários vão se apropriando ou desapropriando as duas praças.

3.2 Análise espacial do entorno da Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio

A análise dos aspectos espaciais atuais revela os tipos de ocupação, a disponibilidade ou não de áreas livres, bem como a relação entre os espaços públicos e privados e a forma urbana. Além disso, essa análise possibilita investigar como tal espaço surgiu e qual o a tipologia de sistema viário e seus fluxos que a ele são inerentes. São os aspectos quantitativos e de organização funcional descritos por Lamas (2000).

Conforme se observou no tópico anterior, no entorno da Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio foram sendo desenvolvidas as primeiras atividades comerciais, institucionais e de serviços do município. Além do que as habitações mais antigas e as reformas urbanas também foram sendo feitas no entorno desses espaços. Hoje em dia, o resultado desse processo de formação histórica é verificado nas edificações em torno das praças:

Por causa dessa formação histórica pautada na atração do comércio e serviços, as edificações passaram a apresentar determinadas configurações para também comportar as habitações. Como a região foi por muito tempo a única centralidade da cidade, os edifícios institucionais se localizavam nessa extensão urbana. Todavia com a expansão populacional, as edificações que abrigavam as instituições foram sendo deslocadas para outros bairros da cidade. Mesmo assim, o entorno das praças continua abrigando uma função central e grande fluxo de pessoas.

A figura 12 apresenta os usos e ocupação do solo do entorno imediato das praças da Bandeira e Clementino Procópio quando este trabalho foi escrito. Observa-se a predominância da ocupação do solo com edificações para usos mistos, onde pavimento térreo se localiza o comércio ou serviço e os pavimentos superiores abrigam as residências. Logo após, conforme foi dito anteriormente, há a predominância do uso do solo com os estabelecimentos comerciais, naturalmente por se tratar da área central da cidade.

Figura 12 – Uso e ocupação do solo



Fonte: O autor (2016).

Nas ruas adjacentes ao perímetro da Praça da Bandeira existem uma escola particular, edifício dos Correios e um comércio popular com 4 pavimentos, o que gera um fluxo de pedestres maior do que na Praça Clementino Procópio. Ao passo

que as ruas adjacentes a essa última não abrigam comércios ou serviços que gerem um fluxo com a mesma expressividade. Além disso, a Praça Clementino Procópio possui uma edificação sem uso dentro do seu espaço, isto é, o Cine Capitólio, que atualmente se encontra abandonado (identificado no mapa como “sem utilização”).

Importante destacar que nessa área, a relação do público com o privado não apresenta a transição espacial proporcionada por um recuo frontal, pois quase todas as edificações apresentam suas fachadas frontais nos limites das calçadas. Além disso, como os lotes são estreitos, há muitas aberturas, ou seja, as fachadas são ativas (GEHL, 20013). Porém, por se tratar de edifícios cujos pavimentos inferiores abrigam comércio, durante o período noturno as fachadas são fechadas, sendo apenas abertas durante o período diurno.

Por serem estreitos e sem recuos laterais, os lotes dessa área proporcionaram a existência de um espaço adensado. Entretanto, as edificações não apresentam gabaritos altos, conforme figura 13 demonstra. A maioria dos edifícios possui um pavimento térreo - geralmente com comércio ou serviço - mais um pavimento contendo habitação ou apoio para o estabelecimento de baixo.

Figura 13 – Gabarito



Fonte: O autor (2016).

Então, como se trata de espaço adensado, as praças da Bandeira e Clementino Procópio funcionam como grandes vazios (figura 14), aliviando a sensação de sobrecarga urbana provocada pela falta de recuos das edificações,

extenso fluxo de automóveis e transeuntes, poluição visual oriunda das propagandas nas fachadas das edificações etc.

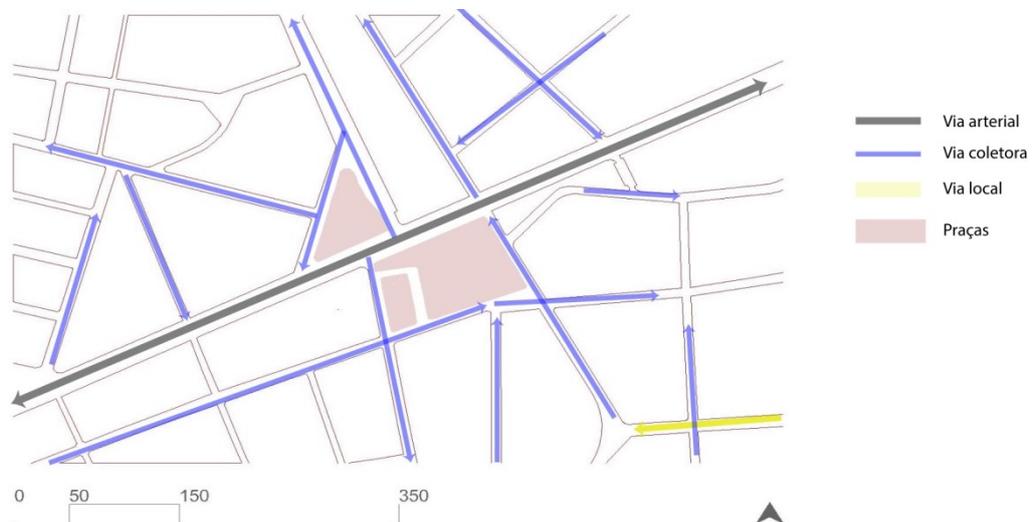
Figura 14 – Cheios e vazios



Fonte: O autor (2016).

O principal eixo de circulação não apenas do entorno das duas praças, mas da cidade, é a Avenida Floriano Peixoto (figura 15). Essa via arterial tem como objetivo a fruição de automóveis, tendo esses a prioridade em detrimento dos pedestres. Já os transeuntes têm seus fluxos pelas calçadas e dentro dos espaços da Praça da Bandeira. O mesmo não acontece com a Praça Clementino Procópio, onde as pessoas passam pelas suas bordas sem adentrar em seus espaços internos.

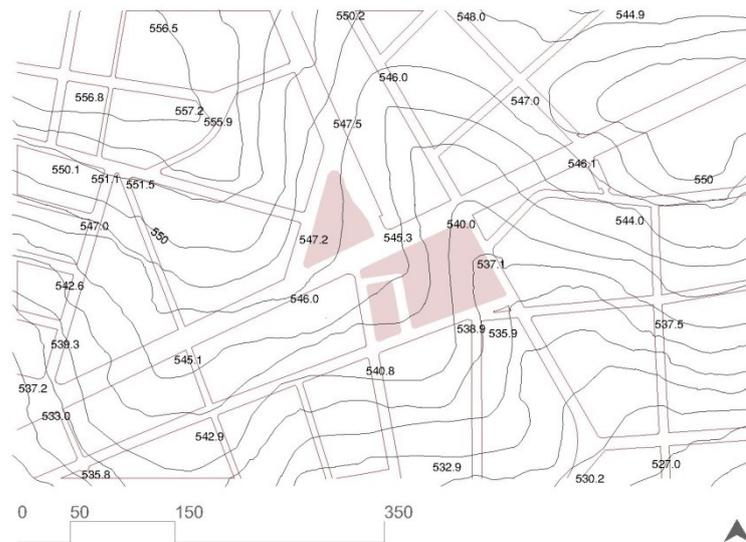
Figura 15 – Sistema viário



Fonte: O autor (2016).

Outro fator espacial a destacar é que a Praça da Bandeira situa-se numa cota mais elevada que a Clementino Procópio (figura 16). A diferença do relevo entre as duas praças chega a ser de aproximadamente 10 metros de altura, o que proporciona que a primeira possua um destaque visual mais acentuado quando a observa-se na maioria dos pontos do seu entorno.

Figura 16 – Topografia



Fonte: O autor com base nos dados da Prefeitura Municipal de Campina Grande (2017).

Deste modo, esses foram os aspectos espaciais do entorno das praças da Bandeira e Clementino Procópio destacados nesse trabalho. Seu estudo é necessário porque os dois espaços públicos possuem relação imediata com os usos e ocupações do solo, com a cota do terreno, altura dos edifícios em sua volta etc., pois todos esses fazem parte de um sistema elementos urbanos que formam a cidade de Campina Grande.

4. PROCESSIONS DE APROPRIAÇÃO E DESAPROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS DA BANDEIRA E CLEMENTINO PROCÓPIO

As praças da Bandeira e Clementino Procópio apresentam uma relação desde seus primórdios, sendo ambas frutos da confluência das ruas que davam acesso à antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário, a qual elas eram formalmente

subordinadas. Até a década de 1940 elas desempenhavam funções secundárias, sendo esses espaços equivalentes em usos e fluxos de pedestres.

Conforme se observa na figura 17, que sintetiza as mudanças urbanas descritas no capítulo anterior, além da aproximação geográfica, as duas praças tiveram praticamente as mesmas intervenções urbanas.

Figura 17 – Linha do tempo



Fonte: O autor (2016).

A distinção em relação à importância de cada uma só ocorreu depois das reformas urbanas dos ex-prefeitos Vergniaud Wanderley (primeira gestão de 1936 a 1937 e a segunda gestão de 1940 a 1945) e Elpídio de Almeida (primeira gestão de 1947 a 1951 e a segunda gestão de 1955 a 1959). Enquanto a Praça Clementino Procópio passou a ter seu uso de forma secundária no sentido da vida cívica da cidade, a Praça da Bandeira passou a receber diversos acontecimentos sociais importantes para a *urbe campinense*.

Portanto, como as reformas dos espaços não foram tão discrepantes para cada praça, é necessário destacar que um dos possíveis fatores que ocasiona que a Praça da Bandeira tenha usos mais intensos que a Praça Clementino Procópio é que o primeiro espaço urbano abrigou mais acontecimentos sociais importantes desde seu início: disputas agressivas de partidos políticos, visita de figuras ilustres do cenário nacional, manifestações populares, encontros cívicos e pessoais etc (figura 18).

Figura 18 – Inauguração da Estátua do Presidente Juscelino Kubitschek na Praça da Bandeira (1958)



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>.

Assim sendo, surgem os primeiros indícios de que a Praça Clementino Procópio tenha desenvolvido sua apropriação reduzida atual em comparação à Praça da Bandeira durante parte do processo histórico – no trabalho consta-se que a partir de 1907, ano de origem desse espaço. Ao passo que se percebe a incapacidade da Praça Clementino Procópio para atrair pessoas, a Praça da Bandeira segue o caminho oposto.

Prosseguindo a análise do capítulo anterior, foi possível perceber que os aspectos espaciais também conferiram à Praça Bandeira maior visibilidade em relação à Praça Clementino Procópio. Em relação ao uso e ocupação do solo, por exemplo, têm em seu entorno a presença predominante de comércio e serviços. A diferença nesse ponto, é que a vizinhança da Praça da Bandeira apresenta edifícios que abrigam atividades de cunho institucional, como exemplo uma escola privada e correios, o que lhe garante um grande fluxo de pessoas em determinados momentos do dia.

Enquanto isso, a Praça Clementino Procópio possui dentro do seu espaço físico o antigo Cine Capitólio (figura 19) que atualmente se encontra totalmente sem utilização, servindo apenas de barreira visual e física para os pedestres que

passam pela Rua Irineu Joffily, impedindo, inclusive, que esses transeuntes não tenham a possibilidade de encurtar seu caminho, como fazem na Praça da Bandeira.

Figura 19 – Vista lateral direita do Cine Capitólio



Fonte: O autor (2017).

Nesse sentido, a Praça da Bandeira tem seu fluxo de pedestres facilitado pela existência de uma edificação dentro de seu espaço que é vazada ao meio (figura 20), o que estimula as pessoas a passarem por ele, encurtar seu percurso ao atravessar a praça. Além disso, a própria edificação possui um café, o qual convida os transeuntes e usuários do espaço à permanência e ao encontro com outras pessoas.

Figura 20 – Vista da parte vazada da edificação da Praça da Bandeira



Fonte: O autor (2017).

Como a Praça da Bandeira possui a capacidade de atrair um público maior de pessoas, outros sujeitos de forma voluntária e involuntária ficam em seus espaços, pois segundo Gehel,

As pessoas vão aonde o povo está' diz um provérbio comum na Escandinávia. Naturalmente, as pessoas se inspiram e são atraídas pela atividade e presença de outras pessoas. Das janelas, as crianças veem outras crianças brincando e correm para juntar-se a elas (GEHEL, 2013, p. 65).

Interessante destacar que o fluxo de pessoas na área em torno e nas próprias praças se explica também por se tratar de uma das áreas centralizadoras de comércios, serviços e atividades institucionais da cidade. Além de que, apesar do gabarito das edificações em torno dos espaços estudados não serem tão elevados, a região é umas mais populosas do município.

Outra evidência espacialmente imprescindível quando se compara os usos e fluxos dos dois espaços públicos é a diferença de altitude das praças. Como a Praça da Bandeira está situada em uma cota superior à da Praça Clementino Procópio, há um desestímulo visual para os possíveis usuários da primeira praça, pois:

De um modo geral, abaixo do nível médio do terreno, temos sensações de intimidade, inferioridade, encerramento ou claustrofobia, enquanto que acima desse nível podemos ser tomados

de grande euforia, ou por sensações de domínio ou superioridade ou, ainda, sentirmo-nos expostos ou com vertigens. O acto de descer significa baixar ao encontro daquilo que conhecemos enquanto que o de subir implica ascender ao desconhecido. (CULLEN, 2009, p. 40).

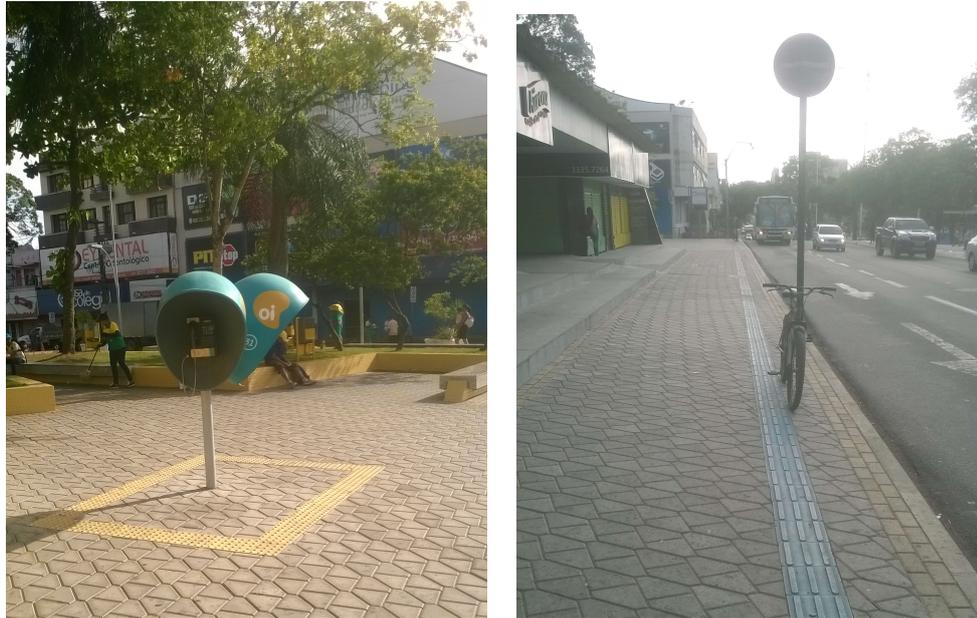
Apesar da percepção de que os aspetos históricos e os espaciais não auxiliam a Praça Clementino Procópio a atrair usuários para permanecer nem mesmo caminhar em seus espaços, foi importante robustecer a veracidade das informações por outro meio metodológico. Esse papel foi desempenhado pela observação sistemática, cuja finalidade é extrair as informações diretamente da fonte primária, isto é, *in loco*.

Conforme foi destacado no capítulo destinando à apresentação da metodologia, a observação sistemática foi realizada a partir da definição de três aspectos fundamentais: (i) a descrição dos elementos físico-espaciais, destacando a existência ou não de mobiliários urbano nos espaços das praças, iluminação, estado de conservação, acessibilidade física assim como o grau de limpeza das praças; (ii) a descrição dos elementos naturais das praças, identificando se a presença de vegetação é suficiente, o nível de ventilação e iluminação natural e artificial; e (iii) a análise comportamental e do perfil dos usuários, conforme a tabela abaixo. A análise dos resultados é apresentada a seguir.

4.1 Os elementos físico-espaciais e naturais da Praça da Bandeira e Praça Clementino Procópio

Inicialmente, é interessante destacar que a recente reforma que a Praça da Bandeira passou, em 2016, foi um divisor decisivo na diferenciação de elementos espaciais em relação à Praça Clementino Procópio, como por exemplo, a conservação do piso e a acessibilidade física para pessoas com mobilidade reduzida, pois a primeira praça apresenta uma situação mais favorável nesse sentido. Inclusive, a Praça da Bandeira tem poucos obstáculos em seu espaço e quando os tem, o piso tátil minimiza essa situação, de acordo com a figura 21.

Figura 21: Piso tátil na Praça da Bandeira



Fonte: O autor (2017).

Além disso, outra diferença em relação ao mobiliário entre ambos é que a Praça Clementino Procópio contém pontos de ônibus, enquanto a Praça da Bandeira não, uma vez que os mesmos foram retirados na última reforma realizada em 2016 (compare as figura 22 e 23). Entretanto, em termos de mobiliários, os dois espaços apresentam os seguintes itens: bancos de concreto, bancas de revistas e jornais, postes de iluminação e postes de sinalização.

Figura 22: Praça da Bandeira antes da reforma de 2016



Fonte: Google Maps (2017).

Figura 23: Praça da Bandeira depois da reforma de 2016



Fonte: O autor (2017).

Assim sendo, em termos gerais, as praças da Bandeira e Clementino Procópio apresentam uma boa disponibilidade de mobiliário urbano, como por exemplo, a presença de lixeiras nas bordas desses espaços públicos, assim como quando se adentra em seus espaços, sendo que a distância para se encontrar uma lixeira é pequena, isso pode inclusive contribuir para a limpeza dos dois espaços, não se identificando quase nenhuma sujeira no piso, além disso, não apresentam nenhum entulho acumulado.

Entretanto, nenhuma praça possui bicicletário, o que obriga as pessoas a colocarem suas bicicletas acorretadas aos postes de iluminação (figura 24). Assim como elas não têm vasos decorativos. Apenas a Clementino Procópio tem mobiliário recreativo, mas não utilizado, conforme dados apresentados na análise comportamental. Nenhum possui mobiliário atrativo com formas variadas e flexivo, inovador e que chame a atenção.

Figura 24 - Falta de bicicletário na Praça da Bandeira reforça a apropriação inventiva dos usuários



Fonte: O autor (2017).

A iluminação das duas praças diverge: a Praça da Bandeira é mais iluminada que a Praça Clementino Procópio, tanto à noite com a iluminação artificial, quanto de dia por meio da iluminação natural. Esse fato ocorre visto que a primeira possui menos vegetação e, portanto, apresenta menos sombra e mais insolação. Na Figura 25, é possível perceber a diferença com relação à densidade da vegetação entre as duas praças. Um aspecto negativo causado pela vegetação mais densa na Praça Clementino Procópio é sensação de insegurança por causa da escuridão, em especial no período noturno.

Figura 25: Imagem aérea das Praças da Bandeira e Clementino Procópio



Fonte: Google Earth, 2016

Por fim, a Praça Clementino Procópio tem um edifício abandonado e pichado que espacialmente representa uma barreira visual pra quem passa no local e não consegue visualizar a praça (figura 26). O edifício impede o fluxo de pessoas que estão na Rua Irineu Joffily adentre na praça, o qual não pode encurtar seu caminho assim como os transeuntes fazem na Praça da Bandeira.

Figura 26: Fachada lateral esquerda do Cine Capitólio, na Praça Clementino Procópio



Fonte: O autor (2017).

4.2 A análise comportamental e o perfil dos usuários

Para a análise do primeiro aspecto da observação sistemática, pretendia-se compreender o perfil dos usuários de ambas as praças e de que forma os mesmos se apropriavam dos espaços. Para tanto foram definidas algumas questões norteadoras:

1. Quem utiliza os espaços das praças?
 - O objetivo da pergunta é descrever qual o perfil de gênero (homem/mulher) e etário (crianças, jovens, adultos ou velhos) dos usuários.
2. Quantos utilizam determinado espaço das praças durante a observação?
 - O objetivo da pergunta é saber uma média da quantidade de pessoas que estão nos espaços das praças no momento da observação.
3. Quando mais utilizam os espaços das praças durante a observação?

- O objetivo da pergunta é saber qual o período que os espaços apresentam uma maior utilização.

4. Quais as principais atividades que desempenham nos espaços das praças durante a observação?

- O objetivo da pergunta é saber qual a utilização dos espaços (recreação, lazer, conversas, estar, comércio, passagem etc).

Para facilitar o cruzamento dos dados que seriam coletados, foi definida uma tabela para a coleta ilustrada pela figura 27.

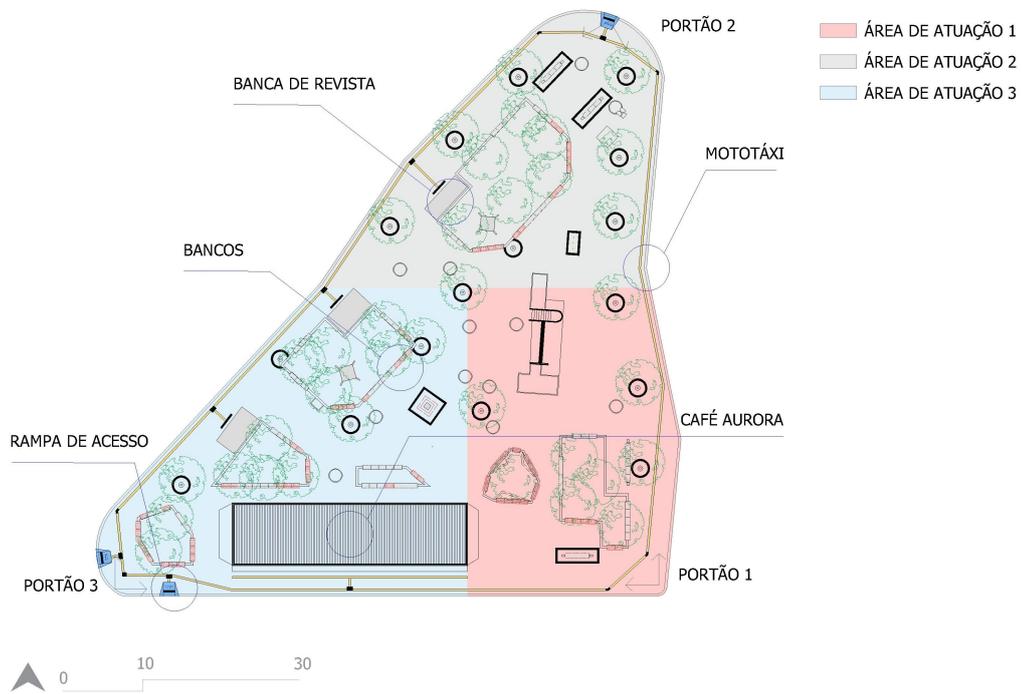
Figura 27: Tabela demonstrativa

Usuários	Usos		Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas da praça	Travessia por dentro da praça	Outros
	Perfil								
Crianças sexo fem									
Crianças sexo masc									
Adolescentes sexo fem									
Adolescentes sexo masc									
Jovens sexo fem									
Jovens sexo masc									
Adultos sexo fem									
Adultos sexo masc									
Idosos sexo fem									
Idosos sexo masc									

Fonte: O autor (2017).

Também como já foi exposto, a aplicação da observação sistemática se concretizou a partir da utilização do “*Gate Method*” (VAUGHAN, 2001), porém com alguns adaptações em função das particularidades do objeto de estudo. A quantidade de “portões” foi menor, por causa da pouca extensão territorial das duas Praças, sendo 3 para a Praça da Bandeira – dividindo-a em 3 áreas - e 4 para a Praça Clementino Procópio – dividindo-a em 4 áreas - , cada “portão” com 10 minutos de observação. Para cada “portão” foi utilizada uma tabela igual a da tabela acima (Apêndice B para visualizar tabelas preenchidas).

Figura 28 – Praça da Bandeira



Fonte: O autor (2017).

Figura 29 – Praça Clementino Procópio

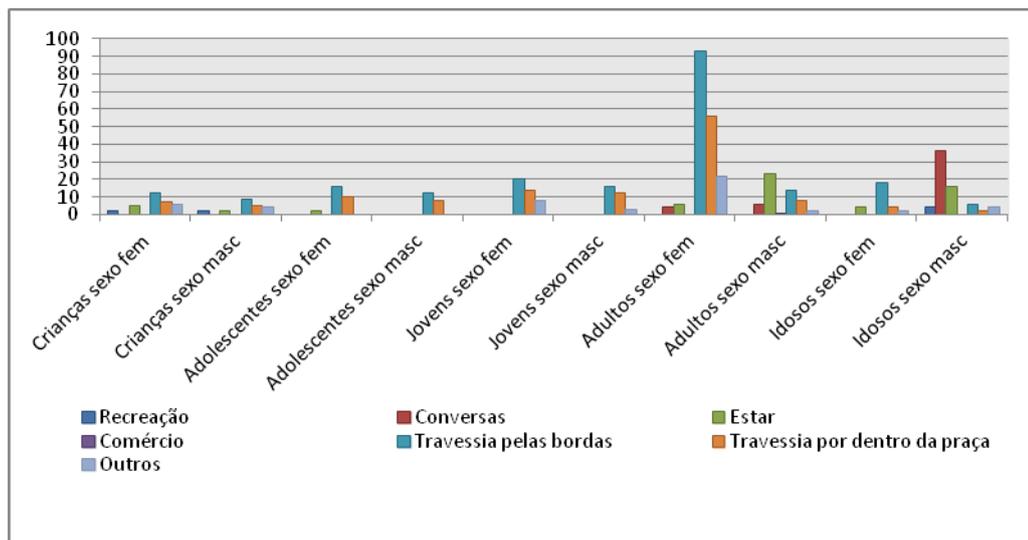


Fonte: O autor (2017).

Os horários da aplicação foram definidos em função dos usos predominantes serem o comercial e de serviços. Foram definidos, portanto, três horários para aplicação do método acima referido: 8 h – abertura dos estabelecimentos comerciais e de serviço; 12 h – início do período do almoço e liberação dos alunos das escolas vizinhas aos espaços públicos analisados; e 18 h – encerramento do expediente de praticamente todos os estabelecimentos comerciais e de serviços. Foram escolhidos dois dias para aplicação do método, sendo um dia útil e outro no sábado para cada uma das praças.

4.1.1 As formas de apropriação na Praça da Bandeira - Sábado (18 DE FEVEREIRO DE 2017):

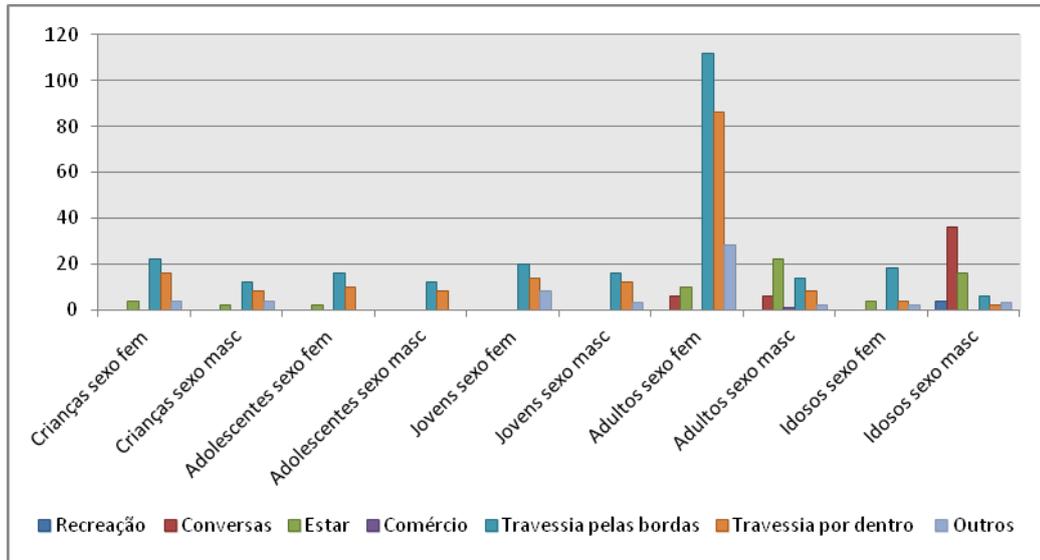
Figura 30 - Horário: 8h



Fonte: O autor (2017).

Em nenhum portal houve o uso expressivo de recreação, apenas pouquíssimas crianças brincando. Vale lembrar que a Praça da Bandeira não possui equipamentos para realização de atividades recreativas; Apenas no “portão 3” houve o uso expresso do espaço para conversas, sendo a maioria dos usuários idosos do sexo masculino; a prática do estar é realizado majoritariamente adultos de sexo masculino seguido por idosos do sexo masculino; porém o maior uso da praça nesse momento é a travessia pelas bordas por adultos do sexo feminino, seguido por idosas do sexo feminino.

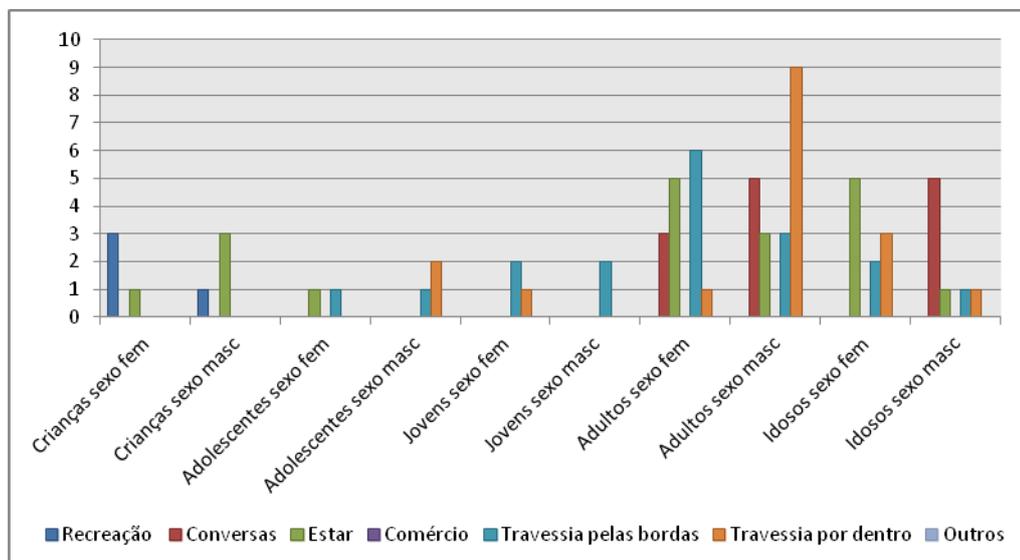
Figura 31 - Horário: 12h



Fonte: O autor (2017).

No portão 3 foi identificado o uso referente à recreação por idosos do sexo masculinos jogando dama e xadrez; igualmente as conversas ocorrem no mesmo portão com o mesmo grupo citado anterior; já o estar em todos os portões tem baixa ocorrência para todo o público; tanto a travessia por dentro e pelas bordas da praça segue o mesmo padrão do horário das 8 h, isto é, o fluxo é formado por mulheres adultas, seguido pelo grupo de idosos do sexo feminino; essa continua sendo o maior uso da praça.

Figura 32 - Horário: 18h

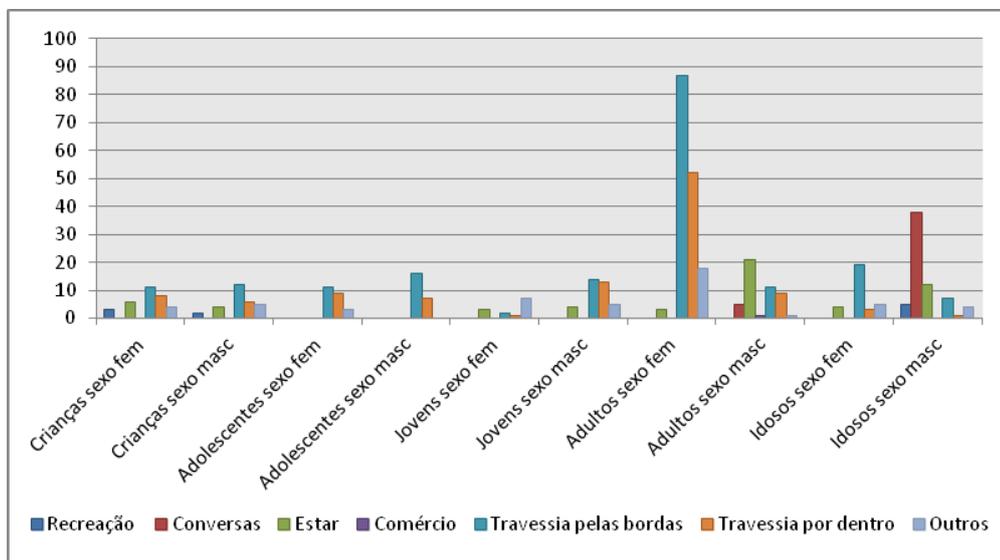


Fonte: O autor (2017).

A travessia pelas bordas e por dentro da praça tem uma queda substancial, assim como todas as atividades antes desempenhadas nos outros horários. Nesse período, surgem comerciantes de lanches (*Food Trucks*) no portão 3, inclusive colocando mesas e cadeiras. O fluxo de pessoas nessa área ainda é pequeno, mas isso indica que possivelmente mais tarde as pessoas irão passar ou consumir esses alimentos, gerando fluxo e permanência de pessoas.

Segunda (20 DE FEVEREIRO DE 2017):

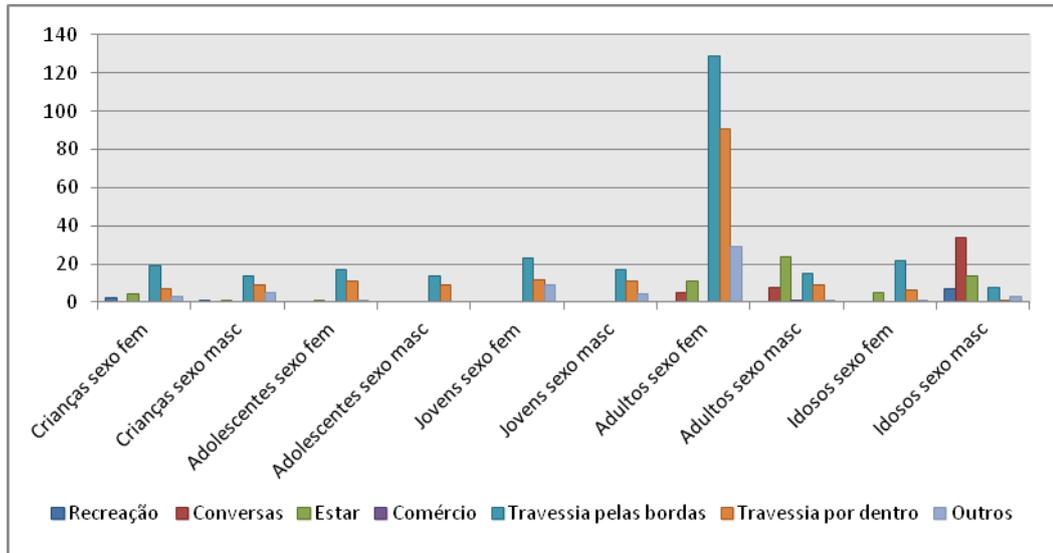
Figura 33 - Horário: 8h



Fonte: O autor (2017).

Mesmo padrão de ocupação anterior, uso predominante do espaço, em especial do portão 3, por idosos do sexo masculino; há um acréscimo do fluxo em quantidade, mas com a mesma predominância de mulheres adultas; sem uso recreativo do espaço; o uso predominante permanece com a travessia pelas bordas da praça pelo grupo composto por mulheres adultas.

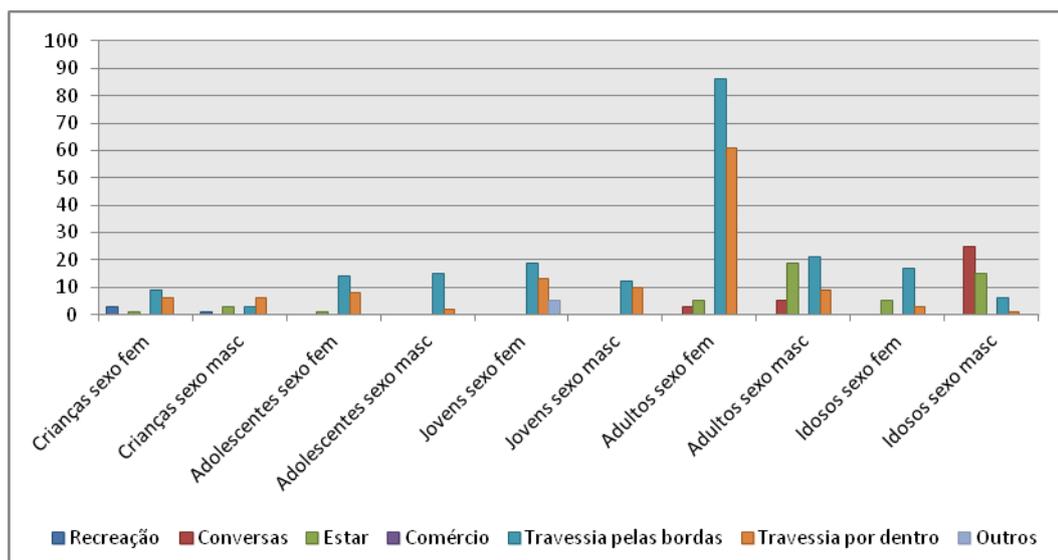
Figura 34 - Horário: 12h



Fonte: O autor (2017).

O padrão anterior se repete; importante destacar que apesar de ser o horário que os estudantes saem das escolas localizadas na vizinhança das praças, não há um acréscimo significativo do fluxo de jovens; nesse sentido houve apenas um tímido acréscimo de jovens que transitam nas bordas e no interior da praça.

Figura 35 - Horário: 18h



Fonte: O autor (2017).

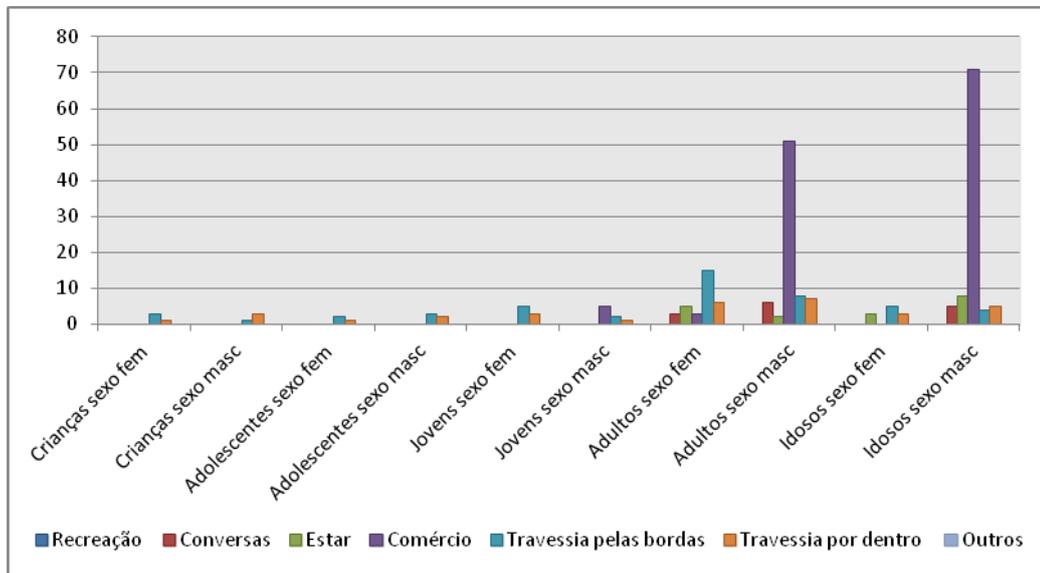
Houve a diminuição da quantidade de pessoas nos usos que exigiam a permanência (estar e conversas), mas um pequeno aumento do fluxo de pessoas

que passam pelas bordas e por dentro da praça, talvez em razão do horário de encerramento das atividades comerciais e as pessoas que se dirigem rumo a sua casa; vale salientar que apesar disso, o padrão de gênero e faixa etária permanecem os mesmos.

4.1.2 As formas de apropriação na da Praça Clementino Procópio

- Sábado (18 DE FEVEREIRO DE 2017):

Figura 36 - Horário: 8h



Fonte: O autor (2017).

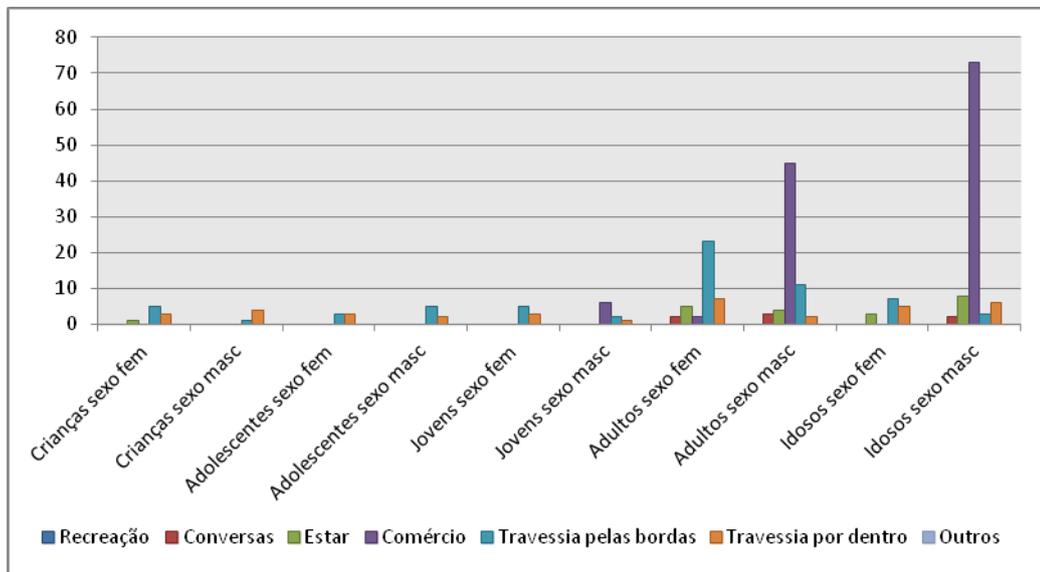
Diferentemente da Praça da Bandeira, as pessoas atravessam a Praça Clementino Procópio pelas bordas, tendo pouquíssima quantidade de transeuntes andando por dentro da praça; não foi identificada nenhuma atividade de recreação; apenas no portão 2 existiam poucas pessoas conversando; no portão 3 grande quantidade de comerciantes ambulantes (ver figura 37), predominantemente formada por idosos do sexo masculino e em seguida por homens adultos. No portão 2 existe uma quantidade de pessoas de diferentes faixas etárias (exceto crianças) que esperam os ônibus; No portão 3 pequena quantidade de adultos homens conversando.

Figura 37 – Montagem do comércio dos ambulantes na Praça Clementino Procópio



Fonte: O autor (2017).

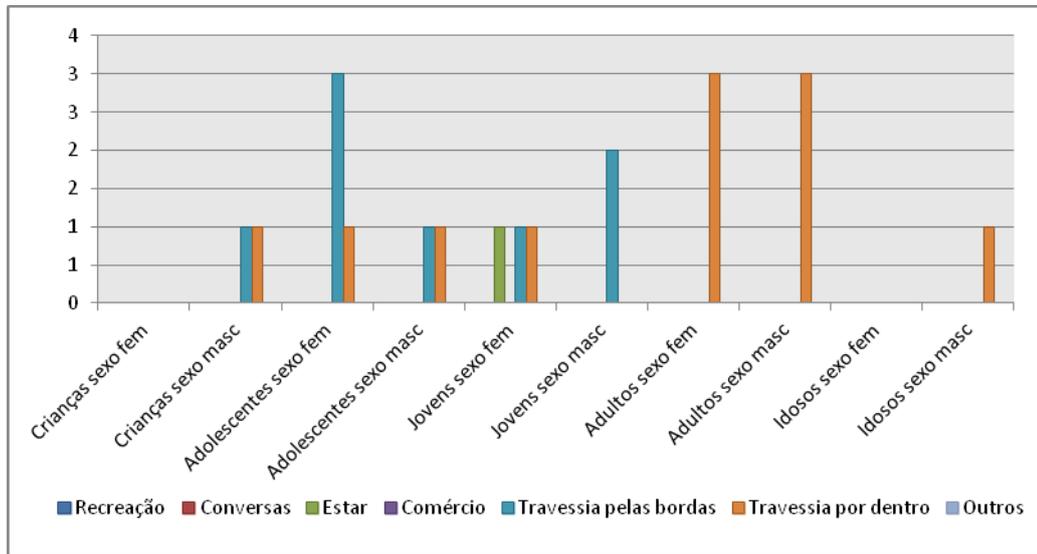
Figura 38 - Horário: 12h



Fonte: O autor (2017).

Mesmo padrão anterior, porém com aumento do fluxo de pessoas que atravessam pelas bordas da praça.

Figura 39 - Horário: 18h

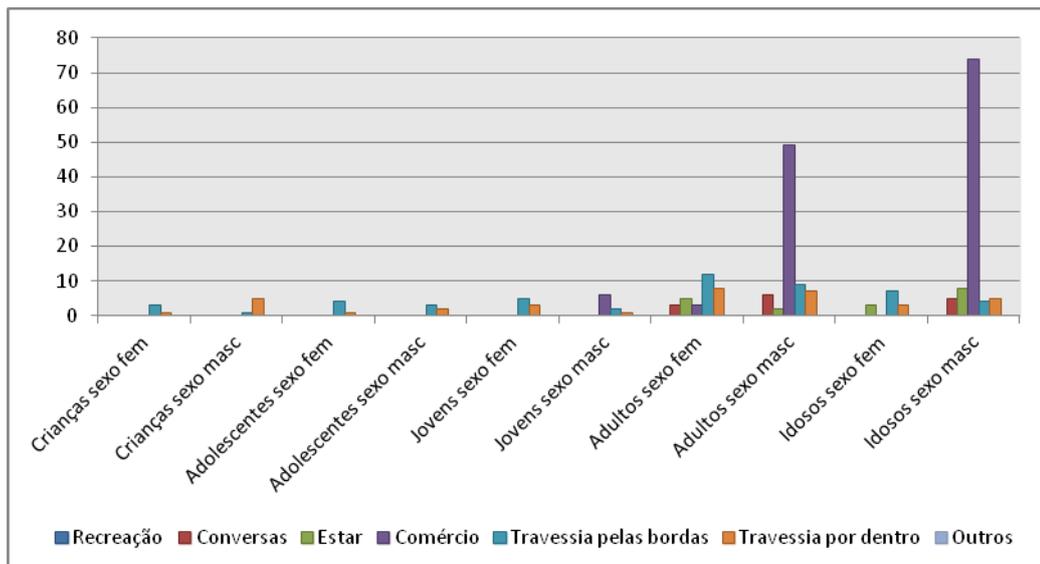


Fonte: O autor (2017).

Quase nenhuma atividade desenvolvida na praça, excetuando poucas pessoas que passam pelas bordas e por dentro da praça.

Segunda (20 DE FEVEREIRO DE 2017):

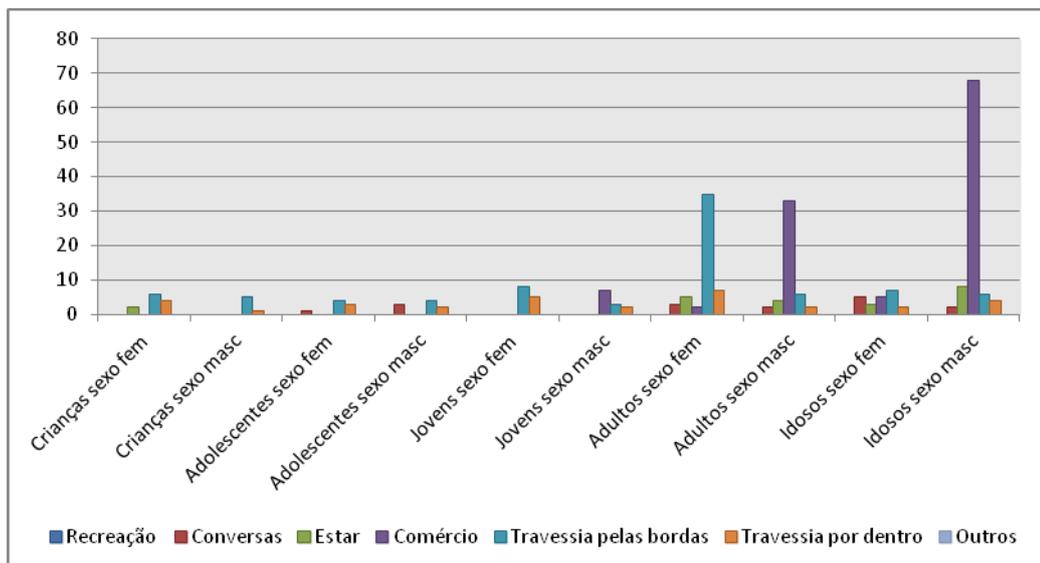
Figura 40 - Horário: 8h



Fonte: O autor (2017).

Não foi identificada nenhuma atividade de recreação em nenhum portão; apenas no portão 2 existiam algumas pessoas conversando e comerciantes ambulantes; no portão 3 considerável quantidade de comerciantes ambulantes, formada por idosos do sexo masculino, em seguida por homens adultos e homens jovens. No portão 2 existe uma quantidade de pessoas faixas etárias variada esperando os ônibus; No portão 3 nenhuma atividade.

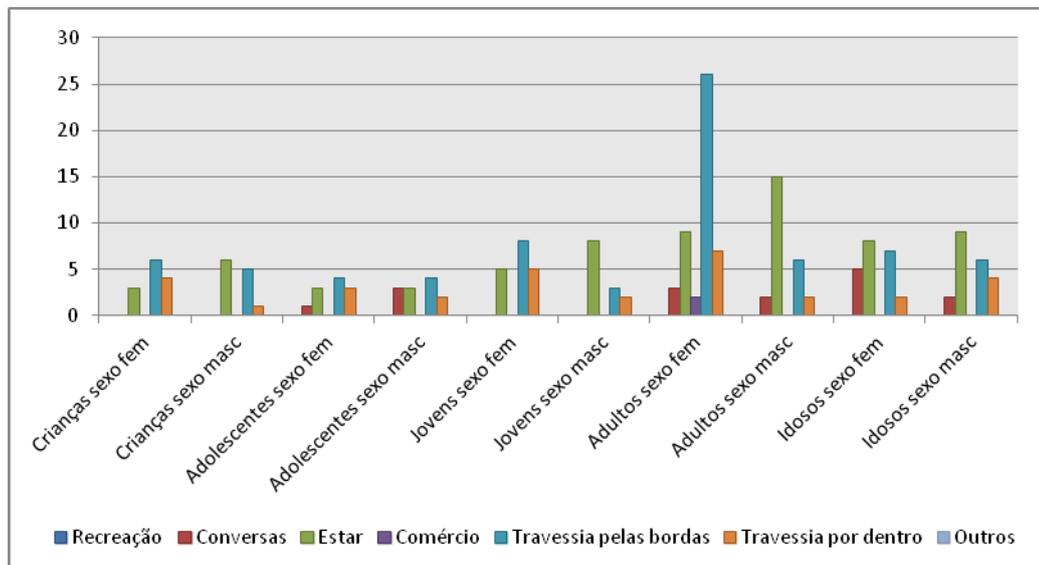
Figura 41 - Horário: 12h



Fonte: O autor (2017).

Mesmo padrão anterior, porém com um maior fluxo de pedestres passando pelas bordas e por dentro da praça.

Figura 42 - Horário: 18h



Fonte: O autor (2017).

A única mudança significativa é que os ambulantes que ficam no portão 3 não estão mais presentes, o que geram uma sensação de desapropriação do espaço; além disso, o fluxo de pessoas se limita às bordas da praça e em direção ao ponto do ônibus.

4.3 Considerações parciais

De acordo com os dados levantados por meio da observação sistemática, é perceptível as diferenças física-espaciais e de apropriações quando se compara as praças aqui analisadas. Enquanto a Praça da Bandeira é utilizada, de modo geral, para conversas entre idosos do sexo masculino, a Praça Clementino é utilizada por idosos e adultos do sexo masculino para a comercialização informal de produtos.

Apesar de a Praça da Bandeira ser mais utilizada para atividades de conversas e em menor proporção recreação, as duas praças necessitam de reformulações objetivando que as pessoas não passem apenas pelas bordas, mas por seu espaços internos. Somando a isso não há estímulo para a utilização de crianças e jovens de ambos os sexos através de equipamentos atrativos, coloridos e de recreação.

Sobre isso, Benedet (2008) disserta que:

[...] algumas praças públicas são sub-utilizadas indicando a necessidade de revisão destes espaços, para que seja possível atender aos usuários em termos de natureza, espaços livres, equipamentos e segurança, permitindo-lhes as mais variadas sensações, inclusive as de pertencimento e de liberdade, valores urbanos fundamentais (p. 14).

Nesse sentido, ainda que conforme os gráficos apresentados anteriormente, os espaços das praças da Bandeira e Clementino Procópio sejam utilizadas para pequenos grupos de conversa na primeira e para comércio informal na segunda, não há uma ampla apropriação por diferentes segmentos da população (crianças, adolescentes, jovens, adultos de todos os sexos).

Interessante destacar que numericamente falando ambas as praças têm seus usos majoritariamente por mulheres adultas. Entretanto, é preciso destacar que esse grupo populacional não se apropria dos espaços por meio de atividades duradouras, sendo o uso majoritário a travessia tanto pelas bordas, principalmente, quanto por dentro. Assim sendo, mantém um contato efêmero devido à atividade que desenvolvem sobre os espaços da praça.

Em relação ao horário, os maiores índices de usos ocorrem durante o período diurno. Isso nos dias de semana, porque nos finais de semana, após o meio-dia, que é o horário de encerramento das atividades comerciais no Centro da cidade, há um esvaziamento nos dois espaços públicos. No período noturno, devido principalmente à falta de diversidade de atrativos, o público é reduzido em torno do serviço de alimentação na Praça Bandeira, tanto pelo estabelecimento fixo (café) quanto pelos móveis (*Food Trucks*).

A partir da análise comparativa entre as duas praças, o fato mais relevante a destacar constitui no seguinte: mesmo apresentando uma área maior e maior presença de vegetação e conseqüentemente mais sombra, a Praça Clementino Procópio não apresenta uma apropriação maior que a Praça da Bandeira; apresenta apenas uma maior quantidade de pessoas comercializando em seus espaços, mas poucas atividades relacionadas à permanência.

A origem das praças da Bandeira e Clementino Procópio esta inserida dentro de um mesmo processo relacionado às transformações urbanas na área central de Campina Grande – PB, desde 1907. Mesmo que ambas foram sujeitas às mesmas

formas de apropriação e desapropriação durante determinado período, a partir da década de 1940, elas tomaram rumos diferentes nesse processo, influenciadas pelos seguintes condicionantes: **o processo histórico das praças e do seu entorno; os elementos físico-espaciais e os elementos naturais.**

O processo histórico apresentado por meio do estudo da morfologia das praças e de seu entorno, consideraram os seguintes elementos analisados: as reformas urbanas ocorridas e apresentação do estado atual dos espaços públicos analisados e o entorno. Esse último diz respeito aos usos e ocupação do solo, gabarito das edificações, cheios e vazios, sistema viário, topografia.

Em relação às reformas urbanas, elas se tornaram responsáveis pelas inúmeras transformações que o entorno e as praças da Bandeira e Clementino Procópio sofreram. Entretanto, dos quesitos analisados, apenas a topografia beneficiou a Praça da Bandeira, pois a mesma se localiza em uma cota mais elevada e estaria mais visível aos usuários. Lembrando que a topografia poderia ser modificada pelos agentes governamentais, mas não foi.

Já em relação às praças analisadas, a reforma urbana do ex-prefeito Vergniaud Wanderley, em 1942, foi um divisor no processo de (des) apropriação de ambas as praças. Enquanto a Praça da Bandeira passou a receber acontecimentos sociais importantes, a Praça Clementino Procópio adquiriu um papel secundário e ofuscado, caindo em um posterior esvaziamento, o qual foi preenchido apenas pela presença atual dos comerciantes ambulantes.

Vale salientar que a única reforma que aconteceu apenas na Praça da Bandeira foi a realizada em 2016. Entretanto, essa reforma aconteceu quando os usos/desusos dos dois espaços já estavam estabelecidos, mesmo assim evidencia uma atenção maior dada à Praça da Bandeira enquanto espaço público.

Em relação aos **elementos físico-espaciais**, é importante destacar que apesar de não apresentarem nenhum atrativo que diferencie as praças de outras existentes, eles não configuram aspectos negativos significativos. Mesmo assim, os mobiliários, o estado de conservação, a acessibilidade, o grau de limpeza, a iluminação artificial etc, da Praça da Bandeira apresentam um grau maior de

atenção pelos agentes públicos, evidenciando novamente a importância desse espaço urbano em detrimento da Praça Clementino Procópio.

Em relação aos **elementos naturais** não foram encontradas diferenças discrepantes entre os dois espaços urbanos, pois apresentam boa ventilação e iluminação natural. Apenas em relação à vegetação as duas se diferenciam: enquanto na Praça da Bandeira ela é mais escassa, na Praça Clementino Procópio ela é mais densa. Esse fato faz com que haja mais sombra durante o dia, mas à noite confere ao ambiente um aspecto de maior insegurança, ao contrário da Praça da Bandeira cuja vegetação não representa uma barreira visual e ainda possui uma iluminação artificial mais eficiente. Então, uma característica negativa compensa a outra positiva.

No processo histórico das praças e do seu entorno, os elementos físicos espaciais e os elementos naturais influenciam em menor grau nas formas de apropriação e desapropriação das praças da Bandeira e Clementino Procópio. Contudo, as atividades desempenhadas, o perfil dos usuários e os horários de usos dependem, no caso das praças aqui estudadas mais de questões comportamentais e históricas do que dos elementos naturais das praças.

Enquanto a Praça da Bandeira apresenta atividades relacionadas à passagem, conversas e estar (nessa ordem do ponto de vista quantitativo), a Praça Clementino Procópio apresenta atividades relacionadas à passagem e comércio, especialmente o informal. Embora não seja um espaço que apresente infraestrutura para essa atividade, os comerciantes ambulantes assim a realizam.

O perfil dos usuários é um pouco semelhante para as duas praças. As mulheres adultas em geral utilizam os espaços para passagem, e pouco para permanência. O grupo majoritário de usuários é composto por homens idosos, depois homens adultos. Todas as atividades que se relacionam a permanência nos espaços são feitas pelos representantes do sexo masculino. Em contradição a isso, todas as atividades relacionadas à passagem remetem ao feminino.

Os horários de maior utilização dos espaços de ambas as praças correspondem justamente ao horário de abertura, almoço e fechamento do comércio.

Nesse sentido, pode-se perceber que os usos e ocupação do solo do entorno desses espaços influenciam nos períodos de maior e menor utilização das praças. O período diurno registra uma maior apropriação, enquanto do período noturno registra a desapropriação das praças.

Finalmente, por causa da robusta presença de acontecimentos sociais a partir da reforma urbana de Vergniaud Wanderley, em 1942, além da maior atenção dos poderes públicos materializada pelos elementos físico-espaciais, a Praça da Bandeira foi estimulada a receber usuários objetivando desenvolver atividades relacionadas ao estar e conversas/interações sociais. Já a Praça Clementino Procópio ficou renegada nesse processo, apresentando um esvaziamento no sentido de apropriação e por isso foi ocupada pelos comerciantes ambulantes.

Portanto, os dois espaços são apropriados e desapropriados mesmo apresentando diferenças substanciais nas atividades desempenhadas pelos usuários. Existem ainda as oscilações nesses processos, dependendo de fatores como horários, mas o fator decisivo é a necessidade que os indivíduos conferem a esses espaços, seja em atividades com menor impacto, como apenas atravessar a praça para ir a outro local, seja conversar por um longo período, comercializar mesmo sem a infraestrutura e autorização municipal ou simplesmente estar sem maiores pretensões, apenas observando o passar frenético dos transeuntes e automóveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem das praças da Bandeira e Clementino Procópio está inserida dentro de um mesmo processo relacionado às transformações urbanas na área central de Campina Grande – PB, desde 1907. Mesmo que ambas estivessem sujeitas às mesmas formas de apropriação e desapropriação durante determinado período, a partir da década de 1940, elas tomaram rumos diferentes nesse processo, influenciadas pelos seguintes condicionantes: **a evolução urbana das praças e do seu entorno; os elementos físico-espaciais e os elementos naturais.**

A evolução urbana apresentada por meio do estudo da morfologia das praças e de seu entorno, consideraram os seguintes elementos analisados: as reformas urbanas ocorridas e configuração do estado atual dos espaços públicos analisados e seu entorno. Esse último diz respeito aos usos e ocupação do solo, gabarito das edificações, cheios e vazios, sistema viário e topografia. Com relação à morfologia urbana, dos quesitos analisados, apenas a topografia beneficiou a Praça da Bandeira, pois a mesma se localiza em uma cota mais elevada estando mais visível aos usuários.

Em relação às reformas urbanas, elas se tornaram responsáveis pelas inúmeras transformações que o entorno e as praças da Bandeira e Clementino Procópio sofreram. A reforma urbana do ex-prefeito Vergniaud Wanderley, em 1942, foi um divisor no processo de (des) apropriação de ambas as praças. Enquanto a Praça da Bandeira passou a receber acontecimentos sociais importantes, tornando-se importante espaço cívico para os cidadãos, a Praça Clementino Procópio adquiriu um papel secundário e ofuscado, caindo em um posterior esvaziamento, o qual foi preenchido apenas pela presença atual dos comerciantes ambulantes.

Vale salientar que a única reforma que aconteceu apenas na Praça da Bandeira foi a realizada em 2016. Embora essa reforma tenha acontecido quando os usos/desusos dos dois espaços já estavam estabelecidos e consolidados, o mesmo evidencia uma atenção maior dada à Praça da Bandeira enquanto espaço público.

Em relação aos **elementos físico-espaciais**, é importante destacar que apesar de não apresentarem nenhum atrativo que diferencie as praças de outras existentes, eles não configuram aspectos negativos significativos. Mesmo assim, os mobiliários, o estado de conservação, a acessibilidade, o grau de limpeza, a iluminação artificial etc, da Praça da Bandeira apresentam um grau maior de atenção pelos agentes públicos, evidenciando novamente a importância desse espaço urbano em detrimento da Praça Clementino Procópio.

Em relação aos **elementos naturais** não foram encontradas diferenças discrepantes entre os dois espaços urbanos, pois apresentam boa ventilação e iluminação natural. Apenas em relação à vegetação as duas se diferenciam: enquanto na Praça da Bandeira ela é mais escassa, na Praça Clementino Procópio ela é mais densa. Esse fato faz com que haja mais sombra durante o dia, mas à noite confere ao ambiente um aspecto de maior insegurança, ao contrário da Praça da Bandeira cuja vegetação não representa uma barreira visual e ainda possui uma iluminação artificial mais eficiente. Então, uma característica negativa compensa a outra positiva.

No processo histórico das praças e do seu entorno, os elementos físicos espaciais e os elementos naturais influenciam em menor grau nas formas de apropriação e desapropriação das praças da Bandeira e Clementino Procópio. Contudo, as atividades desempenhadas, o perfil dos usuários e os horários de usos dependem, no caso das praças aqui estudadas, mais de questões comportamentais e históricas do que dos elementos naturais das praças.

Enquanto a Praça da Bandeira apresenta atividades relacionadas à passagem, conversas e estar (nessa ordem do ponto de vista quantitativo), a Praça Clementino Procópio apresenta atividades relacionadas à passagem e comércio, especialmente o informal. Embora não seja um espaço que apresente infraestrutura para essa atividade, os comerciantes ambulantes assim a realizam.

O perfil dos usuários é um pouco semelhante para as duas praças. As mulheres adultas em geral utilizam os espaços para passagem, e pouco para permanência. O grupo majoritário de usuários é composto por homens idosos, seguido pelo grupo formado por homens adultos. Todas as atividades que se

relacionam a permanência nos espaços são feitas pelos representantes do sexo masculino. Em contradição a isso, todas as atividades relacionadas à passagem remetem ao feminino. A análise do perfil dos usuários pode indicar que os aspectos relacionados à insegurança nos espaços públicos, especialmente na Praça Clementino Procópio, afetam de maneira mais significativa aos grupos formados por mulheres.

Os horários de maior utilização dos espaços de ambas as praças correspondem justamente ao horário de abertura, almoço e fechamento do comércio. Nesse sentido, pode-se perceber que os usos e ocupação do solo do entorno desses espaços influenciam nos períodos de maior e menor utilização das praças. O período diurno registra uma maior apropriação, enquanto do período noturno registra a desapropriação das praças.

Finalmente, por causa da robusta presença de acontecimentos sociais a partir da reforma urbana de Vergniaud Wanderley, em 1942, além da maior atenção dos poderes públicos materializada pelos elementos físico-espaciais, a Praça da Bandeira foi estimulada a receber usuários objetivando desenvolver atividades relacionadas ao estar e conversas/interações sociais. Já a Praça Clementino Procópio ficou renegada nesse processo, apresentando um esvaziamento no sentido de apropriação e por isso foi ocupada pelos comerciantes ambulantes.

Portanto, os dois espaços são apropriados e desapropriados mesmo apresentando diferenças substanciais nas atividades desempenhadas pelos usuários. Existem ainda as oscilações nesses processos, dependendo de fatores como horários, mas o fator decisivo é a necessidade que os indivíduos conferem a esses espaços, seja em atividades com menor impacto, como apenas atravessar a praça para ir a outro local, seja conversar por um longo período, comercializar mesmo sem a infraestrutura e autorização municipal ou simplesmente estar sem maiores pretensões, apenas observando o passar frenético dos transeuntes e automóveis.

REFERÊNCIAS

- BENEDET, M. S. **Apropriação de praças públicas em cidades de pequeno porte**. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 2008.
- CALDEIRA, M. J. **A praça brasileira I trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Data da defesa: 09 de novembro de 2007. 434 folhas. Tese (Doutorado). Campinas: 2007.
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Tradução Isabel Correia; Carlos de Macedo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- GEHL, J. **Cidade para pessoas**. Tradução: Anita Di Marco. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.
- LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª. ed. São Paulo : Atlas, 2003.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2ed. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.
- LEITÃO, L. **As Praças que a Gente tem, as Praças que a Gente Quer**. Manual de Procedimentos para Intervenção em Praça. Recife: Editora Prefeitura do Recife, 2002.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- PINHEIRO, J. Q., & Günther, H. (2008). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- REGO, L. R.; MENEGUETTI, K. S. A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. *Acta Scientiarum Technology*, v.33, n.2, 2011. P. 123-127.
- ROSSI, Aldo. **Para una arquitectura de tendencia**. Escritos: 1956-1972. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S.A., 1977.
- SILVA, H. A.; M. N. M. Espaços livres públicos e privados em Campina Grande/PB. In: **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, Outubro de 2014.
- SILVA, K. Q. **Usos e representações das praças por moradores campinenses de diversas gerações**. In: *Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente*, Florianópolis, 13 a 15 de outubro de 2014.

- QUEIROZ, M. V. D. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008.
- VAUGHAN, L. **Space Syntax – Observation Procedures Manual**. Versão original de Tad Grajewski, 1992. Londres: Space Syntax Laboratory, Bartlett School of Architecture and Planning University College, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

DESCRIÇÃO COMPORTAMENTAL E CARACTERÍSTICAS DOS USUÁRIOS

1. Quem utiliza os espaços das praças?

:

- O objetivo da pergunta é descrever qual o perfil de gênero (homem/mulher) e etário (crianças, jovens, adultos ou velhos) dos usuários.

2. Quantos utilizam determinado espaço das praças durante a observação?

- O objetivo da pergunta é saber uma média da quantidade de pessoas que estão nos espaços das praças no momento da observação.

3. Quando mais utilizam os espaços das praças durante a observação?

- O objetivo da pergunta é saber qual o período que os espaços apresentam uma maior utilização.

4. Quais as principais atividades que desempenham nos espaços das praças durante a observação?

- O objetivo da pergunta é saber qual a utilização dos espaços (recreação, lazer, conversas, estar, comércio, passagem etc).

DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRAÇAS

1. Quais os mobiliários urbanos?

- O objetivo da pergunta é identificar se há existência de pontos de ônibus, lixeiros etc.

2. Existe iluminação pública suficiente?

- O objetivo da pergunta é identificar a iluminação é ponto positivo ou negativo nos espaços das praças, em especial à noite.

3. Qual o estado de conservação da pavimentação e seu material?

- O objetivo da pergunta é identificar a existência ou não de partes dos pisos que podem causar acidentes com transeuntes.

4. A acessibilidade física é existente?

- O objetivo da pergunta é identificar a existência ou não da acessibilidade, em espacial para as pessoas com mobilidade reduzida.

5. Qual o grau de limpeza das praças?

- O objetivo da pergunta é identificar a existência ou não de resíduos sólidos e seus possíveis odores.

DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS NATURAIS DAS PRAÇAS

1. A presença de vegetação é suficiente?

- O objetivo da pergunta é identificar a existência ou não de vegetação, a qual, dependendo da espécie, proporciona sombra ou atrai animais.

2. Qual o nível da ventilação?

- O objetivo da pergunta é identificar a existência de ventos nos espaços das praças, os quais podem atrair ou causar repulsa em dias muito quentes por meio da sensação de abafamento.

3. Qual o nível da iluminação natural?

- O objetivo da pergunta é identificar a existência da insolação durante o dia.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Quais os horários da aplicação da observação sistemática?

8hs (horário que o comércio começa a funcionar); 12hs (horário que os alunos saem da escola, horário de almoço do comércio); 18hs (horário de encerramento do expediente comercial).

2. Qual a duração de cada período de observação?

- 1 hora cada período.

3. Quais os materiais utilizados?

- lápis, caderno de campo, mapas de ambas as praças e roteiro.

APÊNDICE B – TABELAS PREENCIDAS DE ACORDO COM QUANTIDADE DE PESSOAS POR ATIVIDADES DESEMPENHADAS

PRAÇA DA BANDEIRA

SÁBADO (18 DE FEVEREIRO DE 2017)

8h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro da praça	Outros
Crianças sexo fem	2	0	5	0	12	7	6
Crianças sexo masc	2	0	2	0	9	5	4
Adolescentes sexo fem	0	0	2	0	16	10	0
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	12	8	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	20	14	8
Jovens sexo masc	0	0	0	0	16	12	3
Adultos sexo fem	0	4	6	0	93	56	22
Adultos sexo masc	0	6	23	1	14	8	2
Idosos sexo fem	0	0	4	0	18	4	2
Idosos sexo masc	4	36	16	0	6	2	4

12h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	0	0	4	0	22	16	4
Crianças sexo masc	0	0	2	0	12	8	4
Adolescentes sexo fem	0	0	2	0	16	10	0
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	12	8	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	20	14	8
Jovens sexo masc	0	0	0	0	16	12	3
Adultos sexo fem	0	6	10	0	112	86	28

Adultos sexo masc	0	6	22	1	14	8	2
Idosos sexo fem	0	0	4	0	18	4	2
Idosos sexo masc	4	36	16	0	6	2	3

18h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	3	0	1	0	0	0	0
Crianças sexo masc	1	0	3	0	0	0	0
Adolescentes sexo fem	0	0	1	0	1	0	0
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	1	2	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	2	1	0
Jovens sexo masc	0	0	0	0	2	0	0
Adultos sexo fem	0	3	5	0	6	1	0
Adultos sexo masc	0	5	3	0	3	9	0
Idosos sexo fem	0	0	5	0	2	3	0
Idosos sexo masc	0	5	1	0	1	1	0

SEGUNDA (20 DE FEVEREIRO DE 2017)

8h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	3	0	6	0	11	8	4
Crianças sexo masc	2	0	4	0	12	6	5
Adolescentes sexo fem	0	0	0	0	11	9	3
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	16	7	0

Jovens sexo fem	0	0	3	0	2	1	7
Jovens sexo masc	0	0	4	0	14	13	5
Adultos sexo fem	0	0	3	0	87	52	18
Adultos sexo masc	0	5	21	1	11	9	1
Idosos sexo fem	0	0	4	0	19	3	5
Idosos sexo masc	5	38	12	0	7	1	4

12h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	2	0	4	0	19	7	3
Crianças sexo masc	1	0	1	0	14	9	5
Adolescentes sexo fem	0	0	1	0	17	11	1
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	14	9	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	23	12	9
Jovens sexo masc	0	0	0	0	17	11	4
Adultos sexo fem	0	5	11	0	129	91	29
Adultos sexo masc	0	8	24	1	15	9	1
Idosos sexo fem	0	0	5	0	22	6	1
Idosos sexo masc	7	34	14	0	8	1	3

18h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	3	0	1	0	9	6	0

Crianças sexo masc	1	0	3	0	3	6	0
Adolescentes sexo fem	0	0	1	0	14	8	0
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	15	2	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	19	13	5
Jovens sexo masc	0	0	0	0	12	10	0
Adultos sexo fem	0	3	5	0	86	61	0
Adultos sexo masc	0	5	19	0	21	9	0
Idosos sexo fem	0	0	5	0	17	3	0
Idosos sexo masc	0	25	15	0	6	1	0

PRAÇA CLEMENTINO PROCÓPIO

SÁBADO (18 DE FEVEREIRO DE 2017)

8h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	0	0	0	0	3	1	0
Crianças sexo masc	0	0	0	0	1	3	0
Adolescentes sexo fem	0	0	0	0	2	1	0
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	3	2	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	5	3	0
Jovens sexo masc	0	0	0	5	2	1	0
Adultos sexo fem	0	3	5	3	15	6	0
Adultos sexo masc	0	6	2	51	8	7	0
Idosos sexo fem	0	0	3	0	5	3	0

Idosos sexo masc	0	5	8	71	4	5	0
------------------	---	---	---	----	---	---	---

12h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	0	0	1	0	5	3	0
Crianças sexo masc	0	0	0	0	1	4	0
Adolescentes sexo fem	0	0	0	0	3	3	0
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	5	2	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	5	3	0
Jovens sexo masc	0	0	0	6	2	1	0
Adultos sexo fem	0	2	5	2	23	7	0
Adultos sexo masc	0	3	4	45	11	2	0
Idosos sexo fem	0	0	3	0	7	5	0
Idosos sexo masc	0	2	8	73	3	6	0

18h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	0	0	0	0	0	0	0
Crianças sexo masc	0	0	0	0	1	1	0
Adolescentes sexo fem	0	0	0	0	3	1	0
Adolescentes sexo masc	0	0	3	0	1	1	0
Jovens sexo fem	0	0	1	0	1	1	0

Jovens sexo masc	0	0	0	0	2	0	0
Adultos sexo fem	0	0	0	0	0	3	0
Adultos sexo masc	0	0	0	0	0	3	0
Idosos sexo fem	0	0	0	0	0	0	0
Idosos sexo masc	0	4	0	0	0	1	0

SEGUNDA (20 DE FEVEREIRO DE 2017)

8h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	0	0	0	0	3	1	0
Crianças sexo masc	0	0	0	0	1	5	0
Adolescentes sexo fem	0	0	0	0	4	1	0
Adolescentes sexo masc	0	0	0	0	3	2	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	5	3	0
Jovens sexo masc	0	0	0	6	2	1	0
Adultos sexo fem	0	3	5	3	12	8	0
Adultos sexo masc	0	6	2	49	9	7	0
Idosos sexo fem	0	0	3	0	7	3	0
Idosos sexo masc	0	5	8	74	4	5	0

12h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	0	0	2	0	6	4	0

Crianças sexo masc	0	0	0	0	5	1	0
Adolescentes sexo fem	0	1	0	0	4	3	0
Adolescentes sexo masc	0	3	0	0	4	2	0
Jovens sexo fem	0	0	0	0	8	5	0
Jovens sexo masc	0	0	0	7	3	2	0
Adultos sexo fem	0	3	5	2	35	7	0
Adultos sexo masc	0	2	4	33	6	2	0
Idosos sexo fem	0	5	3	5	7	2	0
Idosos sexo masc	0	2	8	68	6	4	0

18h

	Recreação	Conversas	Estar	Comércio	Travessia pelas bordas	Travessia por dentro	Outros
Crianças sexo fem	0	0	3	0	6	4	0
Crianças sexo masc	0	0	6	0	5	1	0
Adolescentes sexo fem	0	1	3	0	4	3	0
Adolescentes sexo masc	0	3	3	0	4	2	0
Jovens sexo fem	0	0	5	0	8	5	0
Jovens sexo masc	0	0	8	0	3	2	0
Adultos sexo fem	0	3	9	2	26	7	0
Adultos sexo masc	0	2	15	0	6	2	0
Idosos sexo fem	0	5	8	0	7	2	0
Idosos sexo masc	0	2	9	0	6	4	0